

AS CAUSAS DA 3ª GUERRA MUNDIAL: CLASSE, GEOPOLÍTICA E HEGEMONIA NO SÉCULO XXI - UMA RELEITURA DE ARRIGHI, ATRVÉS DE McDERMOTT, SCHUMPETER E VEBLEN

Steven Colatrella¹

Introdução

Nos últimos meses, a política mundial rumou de uma ênfase nas questões da globalização para aquelas de geopolítica. Os anos entre o crash financeiro de 2008 e a Primavera de 2014 tinham sido dominados pelos temas da austeridade, confiança dos investidores, agências de classificação de risco, Governança Global e por uma oscilação gradual e incompleta dos compromissos militares norte-americanos em zonas de conflito. Mas desde que o golpe patrocinado por EUA-UE provocou a crise na Ucrânia, e com os conflitos em torno das Ilhas do Mar do Sul da China e o compromisso militar dos EUA renovado na Ásia Ocidental, a economia parece ter dado lugar à política. Assim, encontramos uma nova ênfase na competição geopolítica, na agressividade da OTAN, no conflito entre Grandes Potências e entre competidores hegemônicos.

Os eventos desde o início da crise na Ucrânia sugerem que as análises de Arrighi e Silver em *Caos e Governança no Moderno Sistema Mundo*, e de Arrighi em *Adam Smith em Pequim* estão sendo confirmadas: o declínio da hegemonia dos EUA e a ascensão de um bloco alternativo com a China em seu centro podem afinal se defrontar com a asserção do poder militar dos

1 Professor de Relações Internacionais da John Cabot University em Roma, Itália. Autor de *Workers of the World: African and Asian Migrants in Italy in the 1990s*. E-mail: stevencolatrella@gmail.com

EUA que pretende frustrar - ou quase encerrar - o ciclo de potências hegemônicas que Arrighi identificou pela primeira vez em *O Longo Século XX*². Mas a própria possibilidade de tal ação estar em uma posição para terminar um ciclo secular e estrutural no próprio coração do sistema mundial moderno sugere que a contingência desempenha um papel, igualmente significativo ou eficaz em todos os momentos e lugares³. Isto significa que a identificação de quem são os atores-chave, quais linhas são falhas em suas alianças e blocos hegemônicos, e quais são as suas estratégias e as opções torna-se importante não só para a análise, mas mais urgentemente para nos permitir construir alianças, estruturas e estratégias alternativas que podem nos dar uma chance para tirar o mundo do abismo. Devemos prestar muita atenção para um tema que é central, mas não explorado em profundidade na obra de Arrighi. Este tema é a relação entre alianças de interesses de classe - incluindo facções particulares de interesse de classe - e as agências de poder estatal. Por este último não pretendo me referir necessariamente a um Estado ou interesse nacional totalmente unido por trás de tal Estado ou aliança (como nas formulações da escola realista). Ver as agências estatais como heterogêneas e constituídas por e em relação a interesses divergentes na sociedade pode nos ajudar a entender mais precisamente porque algumas estratégias prevalecem sobre as outras em vários momentos. Assim, o período anterior de mercados abertos e de globalização, com sua ênfase no comércio e de certa forma no desenvolvimento pacífico de um mercado mundial como um bem comum, de fato, está mais intimamente relacionado com o recente retorno de temores legítimos de uma guerra mundial do que aparenta em uma primeira vista. Irei mostrar mais sobre a forma como este argumento está relacionado com a análise de classe desenvolvida no início do artigo. A nossa abordagem é em direção a estratégias alternativas que poderiam tornar mais prováveis que movimentos, alianças de classe e Estados fossem ser capazes de desfazer as causas de uma terceira guerra mundial antes dessas chegarem a uma materialização horripilante.

O deslocamento para o discurso geopolítico em meados de 2014 foi mais notável na medida em que ocorreu quase imediatamente depois das declarações públicas do Presidente Obama nas quais afirmou que a atual potência hegemônica estava deixando para trás uma década de guerra (no Afeganistão, no Iraque e em outros lugares) e anunciou cortes significativos nos gastos militares⁴. Presumiu-se que todas essas mudanças eram parte de

2 Giovanni Arrighi, *O Longo Século XX: Money*. Nova York e Londres: Verso 1994.

3 Ver a explicação do argumento de Marx em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* por Massimiliano Tomba, em Max Tomba, “Marx como o materialismo histórico. Re-lendo O Dezoito Brumário”. *Materialismo Histórico*, Vol. 21, Nr. 2 (2013), pp. 21-46.

4 Embora os formuladores da política dos EUA tenham enfatizado anteriormente o chamado

uma nova ênfase na diplomacia encapsulada na declaração de Obama de que a nova norma dos EUA para a política externa seria “não fazer coisas estúpidas.” Embora a explicação *mainstream* da mídia Ocidental para essa mudança seja a postura supostamente mais agressiva do Presidente Putin, da Rússia, em relação ao mundo, e a crise na Ucrânia em particular, podemos pelo menos dizer que esta narrativa é altamente contestada por interpretações alternativas dos fatos⁵. Podemos ir ainda mais além e notar que, a partir da expansão da OTAN na década de 1990 e início de 2000 até a derrubada do governo eleito em Kiev, tem sido os EUA e seus aliados da OTAN os que têm mostrado a maior vontade de provocar, e não a Rússia⁶. Ao mesmo tempo, o Mar do Sul da China tornou-se palco de tensões crescentes com a China fazendo reivindicações de soberania sobre algumas ilhas, algumas das quais são prováveis fontes de petróleo e outras que podem ser pontos de estrangulamento importantes das rotas marítimas. O primeiro-ministro do Japão, Abe, tem sido extraordinariamente franco em uma série de eventos internacionais, usando a retórica sobre a China e a necessidade de enfrentá-la, sendo pouco diplomático⁷. Outros países da região, incluindo o Vietnã e as Filipinas também têm expressado preocupação e deixaram claro sua intenção de reforçar suas forças navais na região para bloquear as ambições chinesas. O Japão iniciou um significativo reforço militar enquanto, ao mesmo tempo, fazia uma mudança em políticas realizadas a décadas, vendia suas armas para outros países (nomeadamente a Índia) e alterava a sua legislação para permitir que as suas forças pudessem ser usadas fora das suas fronteiras nacionais e de seu território marítimo. A Índia, por sua vez, tornou-se a maior compradora internacional de armas, comprando da Rússia, do Japão, dos EUA e da Europa⁸. O novo primeiro-ministro da Índia, Modi, no decurso de um pequeno

“Pivot para a Ásia”: ver “Observações do Presidente Obama para o Parlamento australiano” 17 de novembro de 2011 www.whitehouse.gov; A frase “Pivot para a Ásia” vem da então secretária de Estado, Hillary Clinton: Hillary Clinton, “Engajamento americano é vital para o futuro da Ásia” *Foreign Affairs* Novembro de 2011.

5 Entre outros, John J. Mearsheimer, “Por que a crise Ucrânia é culpa do Ocidente: Os Delírios Liberais que provocaram Putin” *Foreign Affairs*, setembro / outubro de 2014; Steve Weissman, “Conheça os americanos que realizaram o Golpe de Estado em Kiev” *Reader Supported News* 25 de março de 2014; Steve Weissman, “Parte II: Conheça os americanos que realizaram o Golpe de Estado em Kiev” *Reader Supported News* 04 de abril de 2014.

6 Ver Mike Whitney: “Será que Putin apenas trouxe a paz para a Ucrânia?” em *Counterpunch*, Sept.5-7 de 2014 <http://www.counterpunch.org/2014/09/05/did-putin-just-bring-peace-to-Ukraine/> e Mike Whitney, “Uncle Sam Does Ukraine” 10 de setembro de 2014, <http://www.counterpunch.org/2014/09/10/uncle-sam-does-ukraine/> entre outros.

7 “China’s Disputes in Asia Buttress Influence of U.S.” *Int. Herald Tribune* Sept. 23, 2010; “Shinzo Abe takes a dangerous gamble” *Economist* Jan.4, 2014

8 “India has learned to flirt with the world—and suitors everywhere are dazzled” *Obsession*

período de três semanas entre o final do verão e o início do outono de 2014, realizou reuniões de cúpula com os líderes do Japão, da China e dos EUA. A China e a Rússia, por sua vez, começaram a construir laços econômicos mais estreitos, fornecendo a base para o início de um sistema monetário que seria independente da zona do dólar⁹. Este acordo permite a livre troca de moedas no âmbito da Organização de Cooperação de Xangai. Ao mesmo tempo, as duas potências chegaram a um acordo sobre um grande gasoduto, planejado há muito tempo, da Rússia para suprir as necessidades chinesas, um ato que deixou os países da UE preocupados com as fontes de combustível para o inverno¹⁰.

Independentemente do que isso objetivava, não era para fornecer confiança aos mercados, tranquilizando os investidores ou credores ou cumprindo os requisitos das agências de classificação de risco, temas que pareciam ter substituído a política nos últimos anos¹¹. Durante décadas, os líderes do Ocidente tinham insinuado, e em algumas ocasiões afirmaram explicitamente, que a globalização e o livre comércio tornariam o mundo mais seguro e fariam com que grandes guerras fossem impensáveis. Esferas de influência política e hegemonia regional foram tornadas obsoletas, e talvez até o próprio interesse nacional *per se*. Estas teses eram duvidosas nos seus melhores momentos, mas eram dominantes no discurso político devido a tudo isso. Agora é a visão globalizada, supostamente atualizada, do mundo que parece tão ultrapassada quanto a ideologia da Guerra Fria parecia apenas 12 meses antes. O que tinha acontecido?

Giovanni Arrighi, em *O Longo Século XX* demonstrou pela primeira vez ciclos seculares ao longo da história do capitalismo em que sucessivas potências hegemônicas teriam surgido, criado novas bases para a organização da produção capitalista, para os mercados, para as relações internacionais e para a distribuição de riqueza e poder. Esse livro termina com a hipótese de que a hegemonia dos Estados Unidos da América estava chegando ao fim, um declínio sinalizado como no passado pela crescente importância das finanças no lugar da produção e do comércio na economia dos EUA (o famoso

Sept.9, 2014

9 “Vladimir Putin’s Asia-Pacific Economic Cooperation (APEC) Summit Speech: Trade in Rubles and Yuan Will Weaken Dollar’s Influence” Global Research, November 11, 2014; “Moscow’s ‘Mr. Yuan’ Builds China Link as Putin Tilts East” Bloomberg Sept. 24, 2014.

10 “Gazprom says unable to meet rising gas demand from Europe for now” Reuters September 17, 2014

11 Ver a minha análise do conteúdo de classe da substituição aparente da economia para a política como uma regra em hieróglifos de Steven Colatrella, “Meet the Global Ruling Class: Telling the Players with a Scorecard” Counterpunch 24 de novembro de 2011.

“sinal de outono”, de Fernando Braudel). Arrighi cria uma hipótese, ainda, que alguma potência asiática, naquele momento mais provavelmente o Japão, mas talvez com uma aliança com a China, continuaria a tendência da história capitalista de expandir a escala e a representatividade das potências hegemônicas no sistema mundial. Havia um porém, além da questão lancinante sobre o quão provável era um consórcio Japão-China no futuro próximo - embora Arrighi não tenha feito previsões, demonstrou, ao invés disso, como a diferença nas relações de poder entre os EUA e o Japão poderia ser um potencial obstáculo para a renovação do ciclo. O poder militar dos EUA como Estado hegemônico não era como a bastante relativa - na melhor das hipóteses - superioridade militar de potências anteriores, como os holandeses (que na verdade eram formidáveis principalmente através da sua capacidade de financiar outros exércitos, juntamente com algumas grandes inovações no treinamento militar) ou os britânicos (cujas vantagens militares eram de mobilidade - a Marinha - e devido ao seu acesso às forças armadas indianas em nome do Império Britânico e financiado pelos contribuintes indianos).

Ao contrário, a vantagem militar dos EUA era absoluta. No ensaio final na coleção *Caos e Ordem no Moderno Sistema-Mundo*, Arrighi e Beverly Silver destacaram o significado deste paradoxo: que a maior ameaça ao funcionamento cíclico normal do capitalismo mundial era precisamente o que parecia ter sido há muito tempo a sua vantagem, a sua proteção de todas as ameaças graves, ou seja, o poder do militar dos EUA. Essas forças armadas, caso as elites dominantes dos EUA decidam não seguir os precedentes e, ao invés disso, resistam a entrar em declínio por meio do financiamento da próxima potência hegemônica, presumivelmente a China, poderiam estar em posição de bloquear não só essa transferência do poder mundial como o poder militar poderia superar o poder econômico e a necessidade capitalista. Isso também implicaria lançar o mundo sobre o precipício e para o abismo do holocausto global e até nuclear. Este desenvolvimento paralelo, de declínio dos EUA, crise e agressividade militar, e do crescimento econômico chinês e sua candidatura hegemônica, foi o tema do trabalho final de Arrighi: *Adam Smith em Pequim*. Esse livro postulou que a argumentação de Adam Smith de que um verdadeiro sistema de mercado mundial, baseado no “jogo limpo”, pode significar uma diminuição gradual das desigualdades estruturais do capitalismo, nivelar condições econômicas globais e domésticas, e dar base a um mundo multicentrado politicamente em que qualquer número de grandes países iria interagir no mercado como nominalmente iguais. Para Arrighi, a possibilidade no século XXI em termos concretos foi que, ao contrário do universalismo hegemônico dos EUA, a hegemonia chinesa pode significar um mercado mundial sem o domínio completo de uma única potência. Tal-

vez, em vez disso, signifique maior flexibilidade para a soberania nacional de cada Estado-nação. Isso pode, por sua vez, fornecer a base para um programa que poderia ser atrativo para inúmeros Estados-nacionais que teriam uma participação em uma nova ordem que iria além da hegemonia dos Estados Unidos com o seu *bullying* e sua insistência ideológica na homogeneidade das organizações e das políticas sociais.

A partir deste breve e reconhecidamente simplificado resumo da análise de Arrighi, certamente podemos afirmar que uma explicação muito convincente e relevante para o que aconteceu ao longo dos últimos meses, enquanto escrevo este ensaio no final do outono de 2014, é que dois desenvolvimentos interligados ocorreram: primeiro, que a China desenvolveu uma rede de Estados em cooperação através de projetos patrocinados por ela: com a Rússia, em particular, mas também através da frouxa aliança frouxa de países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul); a Organização de Cooperação de Xangai (Rússia, China e países que fazem fronteira com elas da Ásia Central); através de influência na ASEAN e APEC¹² e de relações bilaterais (China é o principal parceiro comercial da Índia, do Brasil, da UE, da Rússia e do Japão, entre muitos outros); e através de sua crescente influência na África¹³. Essa última é baseada em uma relação muito mais respeitosa e equitativa de comércio e investimento, ao invés do ajuste estrutural do FMI e da austeridade, das dívidas e da ajuda ocasional, como tem sido o caso com os EUA e com o Ocidente¹⁴. A China, portanto, passou a afirmar a sua candidatura à hegemonia em algum momento no futuro ou então sua liderança de um movimento em direção a uma ordem mundial pós-hegemônica e multicentrada. Ela também começou a estabelecer um parâmetro essencial para essa ordem mundial, nomeadamente restaurar a soberania do Estado nacional no que tange as políticas nacionais e as políticas comerciais e econômicas como

12 “China and Japan’s Standoff in the East China Sea: It Could Get Very Ugly” The National Interest Novembro 25, 2014; Gilbert Rozman, “Asia for the Asians: Why the China-Russia Friendship is Here to Stay” Foreign Affairs Outubro 29, 2014; “Russia ratifies Economic Union and readies trade in currencies other than dollar” The Examiner Outubro 3, 2014.

13 Horace Campbell, “China in Africa: Challenging US Hegemony” Third World Quarterly, Vol.29, No.1, 2008, pp.89-105; Howard W. French, China’s Second Continent: How a Million Migrants are Building a New Empire in Africa New York and Toronto: Alfred Knopf 2014; Dorothy Grace-Guerrero and Firoze Manji, eds., China’s New Role in Africa and the South: A Search for a New Perspective Cape Town, Nairobi and Oxford Fahamu and Focus em Global South 2008.

14 Na verdade, a resposta aparente do presidente Obama à presença da China em África, ao invés de continuar com a criação de seu antecessor, o Africom - o comando militar dos EUA para a África, é um plano de cinco anos e US\$7 bilhões de dólares para o fornecimento de eletricidade para o continente que ficou muito aquém do seu metas: “Obama plan to ‘Power Africa’ gets off to a dim start” Reuters , Novembro 28, 2014.

os princípios da economia mundial. Em outras palavras, substituindo a globalização neoliberal e a governança global, que tem usado frequentemente os direitos humanos como uma desculpa para “intervenção humanitária”, e outros importantes aspectos do regime mundial liderado pelos EUA nas últimas décadas. Ao mesmo tempo, os EUA apresentaram uma vontade maior e mais agressiva de usar seu poderio militar para impedir a ascensão de qualquer eventual potência ou aliança de potências que pudessem competir consigo pela hegemonia e para bloquear quaisquer ligações mais estreitas, em particular no continente euroasiático, entre a China, a Rússia e a UE (ou, pelo menos, a Alemanha), que criaria uma esfera econômica mundial alternativa àquela controlada pelos EUA.

Portanto, não é difícil, nem de qualquer forma incorreto, concluir que o pior cenário identificado por Arrighi e Silver, meios militares para prevenir um mundo pós-Estados Unidos, deu um passo ou dois na direção de se tornar realidade no segundo semestre de 2014. Uma hipótese do trabalho de Arrighi é que a China poderia vir a ser o centro de um bloco hegemônico alternativo e potencialmente maior fundado em uma base diferente para renovar o mundo capitalista, como já aconteceu no passado. Essa hipótese também parece confirmada pelas diversas ligações, redes e acordos que a China tem se envolvido com vários outros Estados-nacionais recentemente. Então, não temos de abandonar ou mesmo alterar ou criticar fortemente as teses de Arrighi-Silver.

O que temos a fazer é nos preocuparmos. Muito. Porque, como Arrighi e Silver deixaram claro, caso estes dois desenvolvimentos, força militar transformando hegemonia em mera dominância e bloqueando a renovação do ciclo hegemônico capitalista, e a crescente interligação de uma parte do mundo em uma ordem hegemônica alternativa, cresçam conjuntamente, estaremos acenando para uma guerra mundial em uma escala ainda mais catastrófica do que a das duas guerras mundiais do século XX.

Acredito, porém, que ao analisar mais precisamente uma série de perguntas intermediárias dirigidas a essas teses e à própria situação mundial, e ao identificar mais precisamente tanto atores quanto processos, podemos obter um melhor controle sobre uma série de questões fundamentais: em primeiro lugar, porque o perigo de uma guerra está surgindo agora? Por que não há cinco anos ou daqui a cinco anos? Por que está adquirindo esta forma em particular? Quem está se beneficiando da virada dos EUA em direção ao militarismo (ou a intensificação de um militarismo que sempre existiu, para ser mais preciso), quem é aliado de quem ou quem pode vir a ser? Quais são as condições em que a guerra é mais ou menos provável? Que possíveis cenários poderiam levar a consequências que implicam em qualquer uma das possibilidades a seguir: A hegemonia dos EUA renovada, mas em uma base dife-

rente, menos perigosa ou violenta? O fim do neoliberalismo e das injustiças e desigualdades que estão em sua essência? Significativa influência chinesa ou russo-chinesa, ou mesmo liderança hegemônica, na mudança para um mundo com mais de um centro, mas com menos risco de guerra apesar disso? Ou até mesmo um fim, ou os primeiros passos, em direção a uma superação do capitalismo e a construção da base para uma ordem mundial diferente?

As respostas completas a estas perguntas estão, obviamente, para além do escopo deste artigo. Mas eu espero aqui fornecer um quadro para análise e intervenção que fará com que seja mais fácil para nós, no espírito do *Dezoito Brumário de Louis Bonaparte* de Marx, não cair na armadilha de exagerar o papel dos indivíduos ou pequenos grupos como agentes, nem de exagerar a natureza estática ou automática de processos de grande escala. Em particular, com a releitura de Arrighi, juntamente com outros pensadores sobre processos e atores sociais, e em particular reafirmando a relação entre classes, frações de classe, Estados e agências estatais e interesses e alianças políticas, tanto na política nacional como na internacional, espero lançar luz em por que esta crise ocorreu neste momento e nas circunstâncias e com a forma que ela tem. Espero, também, mostrar onde as fortes linhas de defesa e os pontos fracos podem estar em estruturas e arranjos institucionais, bem como em alianças que estão atualmente nos levando à crise mundial e à guerra mundial. Mais especificamente, ao enfatizar um modelo mais complexo de relações classe-Estado, e examinando isso no contexto mais amplo da política internacional e da ordem mundial, e espero que no espírito de Marx de mostrar o papel da contingência mesmo em processos reconhecidamente estruturais e de longo prazo, espero sugerir onde podemos olhar para encontrar respostas para como desbloquear o impasse sistemático de uma hegemonia ascendente versus domínio militar e encontrar mais opções. Ao mesmo tempo, espero ajudar a evitar apostas em falsas soluções ou aquelas que são as melhores maneiras de meramente adiar o acerto de contas (útil como postergar pode ser) e para mostrar por que este enraizamento de “ambos os lados” no crescente conflito pela hegemonia mundial, e por que um retorno à ordem mundial do livre comércio e da globalização neoliberal (digamos, o mundo da década de 1990) como uma alternativa pacífica para o risco de uma competição entre Grandes Potências e de guerra não é uma opção; ao invés disso, temos de ver que aquela ordem mundial é em si uma das principais causas da Terceira Guerra Mundial.

Estados e Classes

Arrighi não coloca as questões de formação de classes e do conflito

de classes no centro de *O Longo Século XX*, nem em *Adam Smith em Pequim*, embora as questões de conflito de classes desempenhem um papel mais explicitamente importante no último. Mas aqui estou menos preocupado com a explicação bastante prática de Arrighi que não se pode fazer tudo de uma vez ao se investigar um sistema mundial do que na questão prática de como as classes e Estados estão relacionados. Em particular, quem está no comando - a classe dominante ou as autoridades estatais? Quais são as relações entre estes dois assumindo que é possível distinguir um do outro? Eles são necessariamente complementares? Eles são conflitantes mas funcionais para as necessidades um do outro ou, pelo menos, são seus conflitos subordinados a um interesse maior comum tanto da supressão ou exploração das classes não-dominantes quanto de um projeto hegemônico no sistema mundial?

Arrighi aborda estas questões em uma base caso-a-caso em *O Longo Século XX*, de modo que ao discutir, por exemplo, a hegemonia holandesa, ele deixa claro que o sucesso da Holanda foi que sua classe dominante de capitalistas teve que se comprometer com outros interesses que tinham acesso ao poder do Estado e com um movimento social a partir da base, na forma do calvinismo. Estas lutas no seio da sociedade holandesa deram aos governantes holandeses - tanto as autoridades estatais quanto os capitalistas, a experiência que eles precisavam para entender mais plenamente e mais profundamente e para desenvolver soluções para os problemas sociais enfrentados pelo sistema mundial no século XVII. Ele também faz o extremamente interessante e sugestivo comentário de que a proto-hegemonia de Veneza foi o mais próximo que já vimos de uma estratégia e lógica puramente capitalistas em um Estado hegemônico¹⁵ (bem como uma discussão do mesmo modo interessante e sugestiva de como Cingapura parecia na década de 1990 ter reproduzido o modelo de Veneza de estratégia capitalista de Estado). Arrighi faz a distinção entre duas estratégias que são baseadas em diferentes lógicas: uma territorial e uma capitalista¹⁶. A ambiguidade é que ele nunca explicita especificamente de quem estas estratégias são: dos Estados ou das classes capitalistas. Ao nomear as várias fases do capitalismo em Veneza, Gênova, Holanda, Grã-Bretanha e Estados Unidos como hegemonias sucessivas que expandiram a escala e reformularam o conteúdo institucional do sistema capitalista mundial, Arrighi parece estar dizendo que são os Estados e os seus governantes que se aliam com uma base mais (estratégia capitalista) ou menos (estratégia territorial) perto da classe capitalista, de modo a ter máximo acesso ao capital móvel para uso e decidir sobre ou ter imposta a eles uma ou outra estratégia¹⁷.

¹⁵ Arrighi, *O Longo Século XX*, p.34

¹⁶ *Ibid.*, p.34.

¹⁷ Na verdade, em *Adam Smith em Pequim*, ele afirma explicitamente que “as duas lógicas se

Ele, no entanto, argumenta que existe uma questão legítima a ser levantada, e que está sendo feita por vários teóricos com quem ele discute, que o resultado da fase mais tardia (pós-Reagan) da hegemonia dos EUA é o crescimento de uma maior autonomia das corporações globais até o ponto em que elas, e não os Estados, agora fazem as leis que este último deve respeitar ou sofrer as consequências, e não o contrário¹⁸.

Mas ao invés de permanecer lá, Arrighi deixa claro que o poder autônomo de interesses comerciais não-territoriais, em especial finanças, e de interesses de classe e organização de classe que operam para além do espaço físico no espaço de fluxos, pode ter crescido ao longo dos séculos em escala e poder, mas não é exclusivo à globalização, aos séculos XX e XXI, ou à fase de hegemonia dos EUA. Pelo contrário, tem sido contínuo e consistente, embora mudando constantemente em forma e conteúdo, em todos os 500 anos de história do sistema mundial moderno. Na verdade, citando Weber, Arrighi mostra que a combinação de unidades políticas mais ou menos comparáveis em dimensões e poder, e a mobilidade do capital operando fora ou para além da autoridade territorial desses Estados, cria um mercado mundial para o capital móvel a fim de que os Estados aumentem o seu poder em relação uns aos outros¹⁹. Assim, o que é considerado uma inovação da era da globalização é, de fato, uma constante e, na verdade, um dos pilares do sistema mundial moderno e sem dúvida o fator mais original que o distingue de qualquer um de seus antecessores históricos. Mas duas realidades adicionais atenuam o efeito do capital móvel: em primeiro lugar, a necessidade de capitalistas móveis para proteção por um Estado poderoso o suficiente para protegê-los (“intercâmbio político”)²⁰ e a realidade relacionada, ainda que diferente, que está no centro do projeto de pesquisa de Arrighi, nominalmente o papel central dos sucessivos Estados hegemônicos na organização do sistema capitalista mundial, transformando o seu conteúdo e aumentando em escala qualitativa os fatores a cada fase. Arrighi nunca afirma isto explicitamente, mas ele deixa fortemente implícito que o jogo final do sistema capitalista é o seu fim inevitável em um império mundial com base em um bloco ou Estado hegemônico

referem principalmente às políticas de Estado” em uma nota de rodapé, fazendo a distinção entre sua análise e a de David Harvey: Arrighi, *Adam Smith em Pequim*, p.212, n.2.

18 Embora mesmo aqui, Arrighi parece advertir contra a levar este ponto de vista longe demais, como em sua crítica à abordagem de Toni Negri e Michael Hardt ao *Império*, em que “nenhum Estado nacional, nem mesmo os EUA, pode formar o centro de um projeto imperial.” Arrighi, *Adam Smith em Pequim*, p.175

19 Arrighi, *O Longo Século XX*, p.12; Max Weber, *História Econômica Geral* New Brunswick, New Jersey: Transaction Books, 1981, pp.335-557.

20 Veja a abordagem diferente de Charles Tilly; *Coerção, Capital e Estados Europeus AD 990-1992* Oxford, UK and Malden, Massachusetts 1992

tão grande em escala e tão poderoso a ponto de ser capaz de incorporar o capital móvel dentro seu sistema de autoridade territorial, como um aspecto de si mesmo. Assim, enquanto o capital móvel e as escolhas estratégicas de classes capitalistas que operam no espaço de fluxos externos à autoridade territorial do Estado são cruciais para a compreensão das relações de poder no sistema mundial moderno, estes, na verdade, são o fator central para entender por que cada Estado é **realmente** aquele com o maior poder ou mais influência na formação do sistema mundial, determinando resultados, distribuindo riqueza e poder e determinando resultados históricos - um ponto que por si só já teria feito O Longo Século XX o livro mais importante sobre relações internacionais já escrito - as estratégias referidas por Arrighi são aquelas dos Estados capitalistas e de seus governantes. Ele e Beverly Silver estão interessados, em especial, naqueles Estados e governantes que se apresentam no palco mundial como possíveis potências hegemônicas em condições de fornecer uma liderança para uma coalizão cada vez maior de Estados, para um setor grande e decisivo da classe capitalista em todo o mundo, e para uma proporção cada vez maior da população trabalhadora do mundo²¹. Assim, questões políticas mais amplas, e não apenas oportunidades de lucros, ainda que por vezes decisivas na determinação de quem vence politicamente no nível nacional e internacional, são, para Arrighi e Silver (em especial na análise de *Caos e Ordem no Sistema Mundial*) o foco de estratégias para a liderança hegemônica no sistema mundial. Estou, em outras palavras, bastante confiante de que ao discutir estratégias, Arrighi se refere a estratégias estatais para ganhar influência, poder e, por fim, a hegemonia no sistema mundial, não estratégias de classes capitalistas como tal.

Se este for o caso, e aqui eu não afirmo que, apesar da minha confiança sobre as intenções de Arrighi, que o caso é aberto e fechado, então as opções estratégicas disponíveis e realizadas por diferentes classes capitalistas que têm monopólio ou controle privilegiado do capital móvel no sistema mundial ou no interior de portadores de poder territorial (Estados), ou ambos, não são realmente explorados exceto implicitamente. Os banqueiros genoveses, difundidos em toda a Europa em suas feiras de Piacenza aliados com Portugal e Espanha, eventualmente escolheram a Espanha como sua “proteção”, como um Estado favorecido mantido em uma “coleira” pelo mecanismo do endividamento estatal. O papel do padrão-ouro em manter o crédito da Grã-Bretanha e garantir o seu acesso privilegiado ao capital móvel é descrito por Arrighi como crucial para a hegemonia britânica e sua ascensão como o centro financeiro do sistema mundial até o início do século XX. Mas a de-

21 Esse último tema, da relação da população trabalhadora mundial, é mais proeminente em Arrighi e Silver *Caos e Governança no Moderno Sistema Mundial*

cisão, seja ela explícita ou implícita, do capital financeiro de permanecer na Grã-Bretanha e ver os seus próprios interesses como classe como tudo menos sinônimo dos interesses de Estado do Império Britânico (em uma maneira que nunca foi imaginável, por exemplo, no relacionamento Gênova-Espanha) não é explorado como tal. Isso é compreensível na medida que, mais uma vez, não se pode colocar tudo em um livro. Também não vejo isso como uma fraqueza na teoria de Arrighi. Mas eu vejo isso como uma agenda de pesquisa para se explorar, para além do escopo deste artigo, é claro. Mas a questão maior, notadamente das bases sobre as quais classes, algumas delas totalmente residentes (se não necessariamente exclusivamente ativa) dentro das fronteiras territoriais do Estado e algumas delas em grande parte fora dessas fronteiras, tanto em termos de residência de seus membros (famílias e proprietários individuais) e de suas atividades capitalistas (investimentos, comércio, crédito, emprego de trabalhadores, etc.) é hoje de importância para nós a fim de compreender o que acabou de acontecer.

Como, em suma, a tentativa de unir as classes dominantes do mundo em uma classe dominante global baseada no setor financeiro, investimento empresarial global, uma perspectiva comum (globalização neoliberal), instituições de governança global (FMI, OMC, G20, etc.), encontros informais (Davos, Bilderberg) e a subordinação efetiva de praticamente todos os Estados do mundo a esses interesses e princípios filosóficos sob a orientação de membros desta classe (unindo essencialmente as elites políticas e econômicas em torno de uma perspectiva de classe comum) pôde falhar? Como e por que ela deu lugar a uma competição mais tradicional e explícita, se aproximando do conflito entre blocos hegemônicos alternativos, um liderado pelo atual poder hegemônico dos Estados Unidos e a maioria, ainda que não todos, de seus aliados da OTAN e alguns asiáticos, e um liderado pela China com a Rússia como um aliado e que se baseia em uma nova infraestrutura projetada ligando Eurásia, Oriente Médio e África, com alguns aliados em outros lugares? É claro que ao fazer esta pergunta, primeiro precisamos afirmar que a própria questão confirma a relevância da análise de *O Longo Século XX*, de *Caos e Ordem no Sistema Mundial* de Arrighi e Silver e de *Adam Smith em Pequim* de Arrighi. Mas é igualmente claro ao fazer esta pergunta que temos de distinguir entre diferentes interesses de classe e seus diferentes relacionamentos com os Estados.

Em particular, os diferentes tipos de capitalistas, seus ambientes diferentes - político-culturais, geográficos e socioeconômicos- e as diferentes agências estatais dentro do mesmo Estado- precisam ser entendidos para incluir diferentes estratégias tanto no que diz respeito ao conflito de classes e políticas dos Estados internamente e, ainda mais importante para os nossos

propósitos aqui, com relação às abordagens alternativas para o sistema mundial como um todo. Mas o que queremos dizer com capitalistas, em primeiro lugar? Aqui o argumento de Arrighi no *Longo Século XX* é muito interessante, e baseado em parte na pesquisa de outras pessoas para o processo de formação (capitalista) de classes. Classes capitalistas não permanecem iguais ao longo do tempo. Há uma “circulação de elites”, em que as famílias que compõem os setores dominantes dos capitalistas em uma fase historicamente dão lugar a outras famílias ligadas a estratégias inovadoras e novas formas de atividade empresarial e de novas fontes de reprodução de lucros de geração em geração²². Os setores anteriormente dominantes, aqueles que tinham na geração anterior ao presente acesso privilegiado ou monopólio para as áreas mais rentáveis da atividade, depois dão lugar aos recém-chegados, mas tem em mãos uma enorme acumulação de capital disponível. Assim, como Braudel afirma e como Arrighi repetidamente e utilmente parafraseia, financeirização é “um sinal do outono”, uma fase, ou seja, que, como a coruja de Minerva voa ao anoitecer. O capital acumulado pelas elites anteriores é disponibilizado para os novos setores mais rentáveis, assim a liderança da classe capitalista é sempre um híbrido: com um prestígio e influência residual das elites antecessoras que foram uma vez, ou cujos ancestrais imediatos já foram eles próprios os inovadores de novos setores da atividade comercial e com fins lucrativos, e um setor ascendente de novos capitalistas envolvidos e experientes nas novas formas de negócio e nas novas relações de classe decorrentes destes e que também influenciam estes, e que, portanto, estão em condições de estar afinados com os problemas enfrentados pela sociedade como um todo no presente, embora, naturalmente, dispostos a lidar com estes só em condições favoráveis aos seus interesses de classe.

Esta renovação cíclica também implica, e de fato histórica e empiricamente parece envolver, o surgimento de novas estratégias estatais e de novas potências. As novas atividades e classes capitalistas precisam de patrocinadores e protetores estatais e de uma relação privilegiada com um Estado ou coalizão de Estados e, do outro lado, qualquer Estado ou governante procurando apresentar-se como potenciais líderes do sistema mundial precisam de uma relação privilegiada com as atividades de negócios mais rentáveis e as classes mais poderosas de capitalistas móveis. Esta análise baseia-se parcialmente em uma constatação empírica do historiador Henri Pirenne²³, mas também é semelhante à análise em um ensaio interessante de Joseph Schumpeter²⁴

22 Arrighi, *O Longo Século XX*, pp.86-87.

23 Henri Pirenne, “The Stages in the Social History of Capitalism” *American Historical Review*, Vol. 19, No.3, Abril 1914, pp.494-515.

24 Joseph Schumpeter, “Social Classes” em Joseph Schumpeter, *Imperialism, Social Classes*:

e ao trabalho sobre a transformação da classe capitalista moderna na era das corporações por John McDermott²⁵.

Pirenne deixa claro que as classes capitalistas ascendentes não são as mesmas que as que haviam predominado na fase anterior, mas sim se desenvolvem a partir de seu envolvimento em novas atividades comerciais e novas conexões na economia mundial²⁶. Schumpeter está preocupado com o movimento para cima e para baixo na hierarquia piramidal da(s) classe(s) capitalista (e outras) e vê o movimento para dentro e para fora de uma classe como uma mera extensão disto, embora um que encontra maiores obstáculos (cultural, status, político-jurídico, etc.) no processo²⁷. Mas, e este ponto vai revelar-se mais importante à medida que chegarmos a nossa própria conclusão sobre as reais e potenciais alianças de classe hoje, Schumpeter salienta que o declínio de uma classe inteira deve ser relacionado com o declínio de uma função social legítima e reconhecida com a qual é intimamente associada ou sobre a qual tem um monopólio²⁸. Pois desde a crise financeira de 2008, a classe de credores falhou abertamente no exercício da sua função privilegiada de fornecer crédito para o resto da economia. Mas outras classes têm indiscutivelmente aumentado em sua utilidade necessária socialmente.

McDermott, como Arrighi, Pirenne, Schumpeter e Braudel, argumenta que a família e não o indivíduo é a unidade de análise adequada para o estudo de membros individuais das classes. Mas McDermott afirma que uma mudança ocorreu por volta do final da década de 1890. Este período corresponde ao fim da Grande Depressão de 1873-96 que no esquema de Arrighi é a crise sinalizadora da hegemonia britânica, e também da virada ao setor financeiro, que começa simultaneamente com o nascer do poder hegemônico sucessor dos Estados Unidos. Arrighi observa em *O Longo Século XX* que os negócios dos EUA e da Alemanha estavam cada vez mais sob a rubrica de grandes corporações empresariais que utilizam economias de escala e, em particular, a integração vertical para atingir essas economias, internalizando assim os custos de produção, bem como, e esta era a novidade da corporação,

Two Essays by Joseph Schumpeter Nova York: Meridian Books, 1955.

25 Especialmente em John McDermott, *Corporate Society: Class, Property, and Contemporary Capitalism* Boulder San Francisco Oxford: Westview Press, 1991.

26 Pirenne, "As etapas", pp.494-495; pp.506-508. De acordo com Pirenne, as famílias capitalistas mais antigas movem-se para propriedade de terra e tornam-se aristocracias. Arrighi e Braudel enfatizam seu papel como financiadores mais tarde, mas a conexão pode ser mais clara em nossa categoria contemporânea do setor FIRE da economia: Finanças, Seguros e Setor Imobiliário.

27 Schumpeter, "Social Classes" p.159.

28 Ibid. p. 136 and p.167.

os custos de transação (mercados)²⁹. McDermott vê esse desenvolvimento em termos de classe, e de fato uma de suas vantagens como um teórico e historiador de agência econômica é ver processos, forças, instituições como sendo incorporadas em grupos de seres humanos organizados, como classes³⁰. Assim, enquanto Arrighi se concentra, compreensivelmente, no desafio alemão para a Grã-Bretanha, demonstrando que a eficiência alemã de produção alcançada pela organização corporativa não constitui realmente a maior diferença no poder econômico entre a Grã-Bretanha e a Alemanha e, posteriormente, na internalização dos custos de transação, como no caso dos EUA onde as empresas poderiam tirar proveito do tamanho continental da economia, do território e da população e, assim, internalizar mercados em mais de um sentido, McDermott está interessado em outros dois fenômenos: primeiro, como forças de produção com conhecimentos técnicos estão incorporadas na estrutura de negócios da classe capitalista e o significado social e político de classe dessa integração de uma classe nos processos de outra, e, segundo, a transformação da classe capitalista, e com ela da própria propriedade, através da ascensão da corporação³¹.

A corporação também deve ser compreendida em termos de classe, de modo a evitar reificação de uma forma organizacional. E a corporação é uma forma de organização da classe capitalista que supera a propriedade privada estritamente falando sob a forma de propriedade familiar³². Assim, o capital, a organização da atividade empresarial e o próprio comércio, bem como os produtos e processos (executado pelos gestores, profissionais técnicos especialistas e operários) são a propriedade comum da classe capitalista como um todo, organizada na “comunidade de negócios” composta pelos proprietários imediatos de estoque, mas mais importante, pelo conselho de administração, a comunidade de investidores, a imprensa comercial e outras partes relacionadas organizadas em instituições ligadas à empresa específica, à indústria ou indústrias nas quais estão envolvidos (assim, em muitos casos, os agentes reguladores destinam-se a fornecer um poder contrário às empresas privadas)³³. Em suma, a corporação é a organização da classe capitalista

29 Arrighi, *O Longo Século XX*, p.282: “Em particular, a integração vertical de processos de produção e de troca - que se tornou a característica mais importante do regime de acumulação dos EUA - não desempenhou nenhum papel na formação e expansão do regime britânico do século XIX. “

30 McDermott, *Corporate Society*, p.54: “O elemento médio é a barreira de tecnologia na nossa sociedade...”

31 *Ibid.*, p.21 and *passim*

32 *Ibid.*, pp.4-6.

33 *Ibid.* p.115.

enquanto classe, e permite que a classe tenha uma flexibilidade similar a que existe para o capital dinheiro móvel como explicado por Braudel, Weber e Arrighi: membros individuais de uma família capitalista já não são obrigados a estar envolvidos diretamente na execução de uma atividade profissional ou organização específica, nem ser conectados ou bem informados sobre uma indústria específica, processo técnico de produção ou rede comercial, e de fato podem fazer escolhas de carreira nas artes, na política, no trabalho de base e assim em diante, uma vez que o valor da família não é mais mantido por sua atividade direta, mas como membros de uma organização coletiva, a classe capitalista. (Curiosamente, Marx analogamente viu a propriedade “privada” em cidades-estados gregas ou romanas como sendo o mero caso individual dos direitos de propriedade decorrentes da cidadania na cidade e como membros da classe dominante ou classes de proprietários dessas cidades, de modo que o que parecia ser uma característica individual de fato era um sinal de associação em um coletivo sem o qual a propriedade detida não era nem significativa nem possível)³⁴.

De acordo com McDermott, que é cuidadoso para não forçar seu argumento para além do que a história documentada demonstra, mas quem, no entanto, fornece-nos uma leitura altamente sugestiva baseada na luta de classes, o ponto de virada foi a greve Pullman de 1894 nos Estados Unidos. A greve, uma ação de solidariedade do Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários organizada por Eugene V. Debs, parou toda a rede ferroviária dos Estados Unidos, derrotando as mais poderosas organizações capitalistas. Mas, mais ao ponto, o sindicato industrial, através da organização de trabalhadores como classe, manobrou a classe capitalista que foi dividida pela sua competição interna, tanto comercial como familiar. Organizados por redes familiares, e assim divididos em seus interesses, os capitalistas encontraram dificuldades em estabelecer uma frente unida contra este oponente novo, bem organizado e unido em um confronto massivo de força. Com o sindicato dos trabalhadores em controle das condições de trabalho e de circulação de mercadorias por via ferroviária- isso, em 1894, antes que o motor de combustão interna, ou viagens aéreas, houvesse fornecido meios alternativos de entregar mercadorias para o mercado - a classe trabalhadora poderia controlar e usar o poder de veto sobre o transporte e circulação de bens produzidos e, assim, sobre as condições de produção e de trabalho de toda a economia capitalista nos EUA³⁵.

34 Karl Marx, “Formações Econômicas Pré-Capitalistas” Nova York: International Publishers, 2000, p.73.

35 McDermott, *Sociedade Corporativa*, pp.65-67; mas a excelente descrição das implicações da Greve Pullman está em um trabalho anterior: John McDermott, *A crise na classe trabalhadora e Argumentos para um novo movimento trabalhista* Boston: South End Press, 1980, pp.69-98.

A intervenção do exército, enviado pelo presidente Grover Cleveland (nascido na minha cidade natal), um defensor do padrão-ouro e do mundo do capitalismo hegemônico britânico, e seu advogado General Richard Olney, salvaram os capitalistas em um primeiro momento. Mas a lição foi aprendida: nunca mais poderia a competição intra-classe e a concorrência comercial sobre quotas de mercado ser motivo de divisão política da classe capitalista em face a um inimigo comum unido. Em vez disso, a competição teve de ser utilizada para reduzir a unidade da classe operária e outros oponentes do capitalismo (incluindo pequenas empresas, agricultores, comerciantes, como demonstra McDermott), enquanto as relações de classe capitalistas tiveram que ser organizadas e sujeitas a um planejamento de acordo com os interesses de classe.

Este desenvolvimento, consubstanciado na corporação, que só parece ser uma forma de propriedade privada, enquanto na verdade é uma forma de coletividade, propriedade de classe, gerida a partir do interesse da classe capitalista como um todo, ou pelo menos no caso de cada uma das empresas dos setores relevantes dessa classe, fornece uma resposta a um paradoxo da ciência política moderna: notadamente, por que a classe dominante em uma sociedade capitalista, que é caracterizada nas últimas décadas pela política eleitoral, não tem o seu próprio partido político na maioria dos países? A resposta é que eles não precisam de um partido, eles têm a sua própria forma de organização de classe: a corporação. Mas a corporação acaba por ser tão complexa como um partido político, por ela também ser uma relação entre classes, e não apenas a organização de uma classe contra outras classes.

Como John McDermott demonstra, o tipo ideal de burocracia de Weber não se aplica a uma corporação, que em vez disso é melhor entendida como uma relação (o termo usado por McDermott é “forma corporativa”), uma relação hierárquica de poder e controle entre três classes: a classe capitalista que é agora entendida como sendo o Conselho de Administração, os CEOs e alguns outros altos cargos de administração, os principais acionistas (cujo papel é no entanto considerado mais passivo), e “partes interessadas”, como a imprensa de negócios, gestores de topo nas agências reguladoras relevantes, investidores, agências de classificação de risco, etc.; a classe técnico-profissional que é composta em grande parte por atividades científicas, técnicas, intelectuais, de engenharia, matemática, software e outros conhecimentos relevantes para os processos de produção e de acumulação de valor de uma determinada corporação, conhecimento que nos tempos de Debs ainda estava em grande medida nas mãos de trabalhadores qualificados, e que historicamente estava nas mãos de artesãos e de guildas, mas que foram colocadas sob o controle da gestão depois da introdução do taylorismo (Administração Científica); e da classe trabalhadora. Enquanto a última é ainda a maioria so-

cial numérica, se encarada como a empresa quer, como uma frente unida dos interesses comuns das outras duas classes, constituindo entre 20% e 30% da população economicamente ativa, a classe trabalhadora é em grande medida tornada inócua enquanto uma força poderosa na sociedade, uma vez que os trabalhadores estão sujeitos à concorrência no mercado de trabalho em condições em que eles estão cada vez mais desqualificados, mas onde uma classe detém o poder gerencial e outra o conhecimento técnico e científico necessário e a habilidade para fazer a economia moderna ser rentável.

Em relação ao controle da gestão, os conhecimentos científicos apenas momentaneamente ficaram juntos à própria gestão, uma vez que a separação do empresário proprietário ou gestor do processo de produção diário gradualmente deu lugar a gestão de capitalista qua capitalista, ou seja, como gerente do dinheiro e do ciclo de M-C-M'. Para a corporação, ao fazer a propriedade em capital coletivo, transformou essencialmente propriedade em créditos sobre fluxos de receita. Os capitalistas como o topo da administração são aqueles com a maior quota de longe, e com o papel principal na determinação - embora em um processo negociado com base nas relações de poder entre as classes em qualquer momento, lugar ou indústria dados - da distribuição a ir para as outras duas classes³⁶. Como a manutenção da estabilidade política de classe, suas próprias regras em outras palavras, requer uma aliança com a classe técnico-profissional, cujas habilidades científicas e técnicas também são necessárias para a produção, circulação, mercantilização, financeirização e rentabilidade dos produtos de todos os tipos e para compensar a superioridade numérica e papel necessário na produção de valor da própria classe trabalhadora, uma parcela desproporcional provavelmente vai para esta classe para mantê-la fiel. Sua lealdade, além disso, é garantida pelo fato de que é, presumivelmente, apenas sob condições capitalistas que o seu trabalho, o que é de interesse intrínseco aos seus membros de classe - cientistas, médicos, desenvolvedores de software, advogados, e assim por diante -, pode ser realizado, e tão somente nas corporações este trabalho é possível³⁷. Pelo menos esta é a nota relativamente pessimista da brilhante *Sociedade Corporativa* de McDermott de alguns anos atrás. Mais recentemente, ele também vê sinais de que esta aliança pode não ser tão sólida quanto parece ou como tem sido até agora. Mas mais sobre esse assunto mais adiante.

Para os nossos propósitos, três pontos devem ser destacados por ago-

36 McDermott, *Sociedade Empresarial*, p.87-89; veja a análise de agências de classificação de risco como parte da comunidade da classe capitalista que McDermott afirma no livro de Timothy Sinclair, *Os Novos Senhores do Capital: Agências Americanas de Bond Rating e a Nova Política de Solvabilidade* Ithaca: Cornell University Press, 2005.

37 McDermott, *Sociedade Corporativa*, p.137

ra: em primeiro lugar, que a corporação oferece uma forma organizacional tornando a unidade da classe capitalista mais provável; segundo, que qualquer acordo capitalista, e a hegemonia de qualquer classe capitalista, deve ser entendida no seu contexto de relações hegemônicas, mas também problemáticas, com outras classes, no que Gramsci chama de “bloco histórico” - que é um arranjo ou “agregação” político-social-econômico-cultural na frase de Deleuze e Guattari. Em termos mais prosaicos, nos referimos a uma aliança de classes organizada em torno de uma visão particular de civilização que é consistente com a hegemonia de uma determinada classe capitalista e de uma determinada potência ou aliança de Estados para governar e dar forma ao sistema capitalista mundial; em terceiro lugar, que as empresas de base familiar, uma vez que as corporações alcançam a internalização dos custos de transação, operam dentro de uma economia de setor-dual em que estão sujeitas a forças de mercado que não são mais autônomas como na teorização de Adam Smith, mas ao invés disso são um instrumento de controle social sobre as empresas menores e os seus preços, como parte do processo maior de produção capitalista como um todo (como mostrado pelo próprio Marx em *O Capital* Vol. 3).

A unidade capitalista nunca é dada. A concorrência não é apenas um epifenômeno do mercado. Pelo contrário, mesmo uma leitura política do capitalismo, como a de Arrighi ou mesmo aquelas de Harry Cleaver³⁸, Charles Perrow³⁹, John McDermott, Dyson e Featherstone⁴⁰, para citar alguns, envolve necessariamente a compreensão de capitalistas como estando em competição por poder, influência, valor, lucros, comando organizacional, controle, status e privilégios, ou, no auge do poder em si e do próprio sistema mundial, a hegemonia. Essa hegemonia é exercida sobre, e envolve a capacidade de dar forma e conteúdo para o sistema mundial como um todo. Mas a competição capitalista também não é sempre um jogo de soma zero, como Arrighi deixa claro. Em momentos-chave nos ciclos históricos de hegemonia, particularmente durante a expansão comercial (antes da contração comercial, que leva à fase financeira como um “sinal de outono” em cada ciclo hegemônico), a concorrência ocorre como de acordo com as regras. Estas regras de engajamento

38 Harry Cleaver, *Reading Capital Politically* Austin: University of Texas Press, 1980.

39 Charles Perrow, *Organizando a América* Princeton: Princeton University Press, 2002 argumenta que a grande corporação moderna surge por razões de controle político - sobre os mercados, pequenas empresas, indústrias e trabalhadores, não fora de qualquer maior eficiência econômica que encarna ou traz.

40 Kenneth Dyson e Kevin Featherstone, *The Road to Maastricht: Negotiating Economic and Monetary Union* Oxford e New York: Oxford University Press, 1999, deixam claro que a UE como um projecto econômico e o euro foram concebidos e implementados por motivos estritamente políticos.

são em grande parte as impostas pelo poder hegemônico da época (Veneza, Gênova-Espanha, os holandeses, os ingleses, os EUA) em formas institucionais, regulamentos jurídicos, costumes e práticas culturais, de modo que a coordenação e cooperação capitalista geralmente requer um poder hegemônico para fornecer um contexto no qual a competição pode ocorrer não como um jogo de soma zero, mas como um contexto ganha-ganha, em que a expansão signifique aumento dos lucros para a classe capitalista como um todo.

A corporação não é necessária para este processo *per se*, uma vez que Arrighi demonstra que esta fase se repetiu ao longo de séculos, muito antes dessas organizações existirem ou, ao menos, serem comuns. Mas uma forma organizativa claramente reduz custos de transação (até mesmo os banqueiros genoveses tinham o consórcio de San Giorgio) e faz que essa cooperação seja mais fácil. Podemos acrescentar que muitas das teorias de cooperação internacional, deixando de fora a dinâmica do capitalismo, suas diversas fases de desenvolvimento (como explicado por Arrighi), e qualquer conteúdo de classe ao decifrar os interesses envolvidos, reduz a questão da cooperação a um quebra-cabeça lógico aplicável pela teoria dos jogos⁴¹. No mundo real prevalecem interesses reais, e aqueles interesses que são mais poderosos não são apenas aqueles de Estados, mas, como mostra Arrighi, de classes capitalistas ligadas a Estados ou em aliança com Estados, particularmente os hegemônicos. É aqui que os curtos ensaios de Schumpeter sobre Imperialismo e Classes vêm a calhar. Pois enquanto Arrighi está, sem dúvida, certo em desconsiderar a caracterização de Schumpeter de organizações pré-capitalistas como engajadas em conquistas sem qualquer motivo racional, o grande argumento de Schumpeter sobre imperialismos em tempos históricos é que eles são quase sempre ligados a um interesse de classe específico dentro da comunidade imperialista.

Nem interesses de classe análogos necessariamente levam aos mesmos resultados. Nem todas as classes agrícolas, nem todas as aristocracias, nem todos os interesses financeiros etc. são igualmente propensos a apoiar ou se opor ao imperialismo. Isso depende da socialização específica, formação, visão do mundo e, claro, especialmente, o ganho material - econômico, político ou territorial - que seria obtido da aventura imperialista, construção de império ou tentativas de ganhar hegemonia regional ou internacional. En-

41 Esta falta de uma análise de classe e de como a dinâmica de classe – interação intraclasse e interclasse - podem estar envolvidas são as principais limitações de trabalhos úteis e interessantes, tais como o de Robert O. Keohane, *After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy* Princeton: Princeton University Press, 2005; e Elinor Ostrom, *Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action* Cambridge Collective e New York: Cambridge University Press, 1990.

quanto Schumpeter desvia do que ao contrário seria um ensaio modelo de sociologia histórica por duas vezes - uma vez para fazer a reivindicação sobre a irracionalidade por parte de organizações não-capitalistas que trai a visão da Escola Austríaca do comportamento capitalista de mercado como o único racional, e na outra vez para abandonar completamente a narrativa histórica ao se empreender em uma discussão estritamente lógico-teórica de porque os capitalistas de mercado não teriam interesse no imperialismo - ele desenvolve para nós ferramentas úteis de três maneiras: 1) ele mostra que o imperialismo está sempre ligado a um conteúdo de classe. Isso ajuda a entender tentativas de ganhar hegemonia, para defendê-la, **ou** - e aqui chegamos a principal prioridade do autor neste artigo - para encontrar uma ordem alternativa a ela e ao capitalismo como sistema mundial. Precisamos identificar, analisar, teorizar e desenvolver, na prática, bem como em programas de pesquisa, e organizar na política do mundo real, interesses de classe concretos como um “bloco histórico”⁴². Tal bloco histórico alternativo provavelmente veria vantagens para o seu próprio desenvolvimento e benefícios máximos em um abandono da hegemonia e do capitalismo; 2) Schumpeter mostra que o imperialismo exige algum apoio popular ou a opinião pública ao seu lado. Se não tem de ser uma maioria, não pode ser apenas o topo da classe de elite que apoia a construção do império. Portanto a necessidade de “dominância” dentro de uma comunidade hegemônica, bem como a nível internacional, ser combinado com a “hegemonia”, com um grau de consentimento ou de liderança nos termos de Arrighi. Interesses de classe envolvidos em um projeto hegemônico podem, assim, não se beneficiar de um projeto como este no mesmo grau que a classe capitalista ou dominante ou interesses das elites que são a vanguarda de um projeto como este. Assim, um potencial ponto de fissura pode existir se um projeto tão ou mais convincente puder ser apresentado aos interesses de classe aliados com aquela parte da classe dominante que é hegemônica; 3) finalmente, que existe um interesse mundial e real da classe capitalista dominante no imperialismo, no militarismo e na expansão territorial. Esse interesse é o que Schumpeter chama de “exportação de monopólio”.

Para ter certeza, Schumpeter insiste que o capitalismo moderno reduz a probabilidade de imperialismo, guerra e conquista porque: a) o capitalismo de mercado envolve um interesse comum no mercado como um bem público (para usar a linguagem de hoje), em outras palavras, ser parceiros comerciais beneficiam todos, cresce o “bolo” da economia mundial da maneira que Arrighi sugere durante a fase de expansão comercial de um ciclo hegemônico, e assim é criado um interesse na competição cooperativa que

42 Quintin Hoare, Geoffrey Nowell Smith eds., *Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci* Nova York: International Publishers, 1971, p.137:.

torna improvável e contra produtiva a guerra; b) a classe trabalhadora moderna também não tem interesse nem ganhos a partir de imperialismo ou o militarismo; c) há, portanto, pouco interesse por parte das duas classes dominantes do capitalismo, a burguesia e o proletariado, no militarismo, na guerra ou na conquista e no império. Mas Schumpeter também admite, retornando do mundo imaginário dos libertários (como eles chamam a si mesmos hoje) a construção lógica do modelo de mercado livre para o mundo real do capitalismo histórico, que “exportação de monopólio” constitui uma força material e interesse de classe real em impor sobre o poder do Estado o seu interesse em conquistar e garantir o acesso a recursos para as entradas de fornecimento de insumos, ganhando acesso ao monopólio e dominação sobre os mercados estrangeiros, e controlando fontes de força de trabalho.

Deve-se dizer que mesmo a exportação de monopólio - e é uma frase útil que nos leva a meditar sobre - não é sempre igualmente imperialista, tampouco somente competitiva e agressiva, ou imune a ver as vantagens da cooperação capitalista. Ao contrário, pode-se argumentar que a competição no mercado com igualdade de condições entre os tomadores de preço no sentido proposto por Adam Smith significa criar um bem público comum na forma do próprio mercado. Tal bem público requer alguma forma institucional para garantir seu contínuo funcionamento justo para o interesse de todos e sem nenhuma vantagem injusta para ninguém. Se tal condição já existiu, ela deve necessariamente ter sido altamente efêmera por razões esclarecidas por Karl Marx no capítulo 32 de *O Capital* vol. 1 “A Tendência Histórica da Acumulação Capitalista”, e por razões sublinhadas por Karl Polanyi em *A Grande Transformação* é de fato para qualquer extensão real do tempo uma distopia impossível. Ao invés disso, para o grande capital de monopólio, a expansão dos lucros em um mercado em crescimento, onde os lucros são tirados do topo, por assim dizer, através de posições dominantes em pontos-chave do processo de acumulação e a cooperação com outros grandes interesses capitalistas, é vantajosa nesta fase a fim de evitar precisamente demasiada exposição às forças do mercado e para igualmente evitar guerras de preços entre as empresas monopolistas que seriam autodestrutivas para todos os envolvidos.

Alternativamente, os interesses comuns da elite capitalista que transcendem os interesses locais imediatos são mais suscetíveis de vir à tona neste momento. Como dividir os recursos, mercados preferenciais como esferas de influência (aqui a economia e a geopolítica quase se mesclam), jurisdição legal, regras e supressão das classes hostis, entre outras coisas, pode ter precedência quando o sistema como um todo está em uma fase de expansão. E a tal mini-fase mais recente foi a ascensão da globalização na década de 1990 até o colapso econômico de 2008. Na verdade, e no quadro de Arrighi,

essa expansão foi relativa, e um sub-fenômeno de uma expansão financeira maior, mas, mesmo assim, significou o aumento dos lucros e ampliação das oportunidades para a criação de lucros para as corporações globais, capazes de capturar as atividades de negócios mais rentáveis em todo o mundo para dentro de suas redes. Esta competição-cooperação existe fora, e no comando, das forças de mercado. Estas últimas são, em vez disso, impostas hoje sobre as empresas menores - como fornecedores -, sobre os trabalhadores, agricultores, governos e em outras forças sociais e classes mais fracas. Esta competição-cooperação que une o grande capital tem sido a base material para a Governança Global, que em outro momento eu já defini como a tentativa de unir as elites econômicas e políticas do mundo em uma única classe e em unir esses interesses através do mundo, perpassando fronteiras nacionais e culturais.

Esse projeto agora desmantelou-se. A Governança Global falhou como um projeto e como uma classe. A estrutura corporativa permitiu aos capitalistas assemelharem-se mais de perto com o seu próprio capital móvel, capaz de se mover além das limitações de sua própria família, origens étnicas, culturais ou nacionais, criando novamente uma base material experimental para unir os capitalistas e as elites políticas a nível global. Mas quando a expansão de oportunidades de investimentos lucrativos se contrai, quando os mercados encolhem e os lucros são ameaçados, a corporação global e o capital financeiro móvel também se tornam paradoxais: por um lado cosmopolita, globalista, sem fronteiras, e por outro lado capaz de usar de acesso privilegiado ao poder do Estado que, se alguma coisa, foi reforçado pela relação mais próxima com as elites políticas forjadas ao longo período (mais sobre este processo abaixo). Eles são, portanto, mais propensos a entrar em conflito com outros interesses análogos que estão intimamente ligados a outros interesses de Estado e que podem vir a ver maiores oportunidades de lucro em uma ordem alternativa em que o seu poder de monopólio inclui acesso monopolístico a Estados poderosos e acesso privilegiado a território, recursos e fontes de força de trabalho. Nesse caso, somos jogados de volta ao velho conflito hegemônico entre poderes concorrentes. Estas são as principais causas da Terceira Guerra Mundial.

Arrighi mostra, por exemplo, que não eram os interesses financeiros norte-americanos em Wall Street que apoiaram o que se tornou a estratégia vencedora dos EUA para uma eventual hegemonia: o protecionismo, a integração vertical por corporações e a exportação a partir de uma posição forte. O setor financeiro, ao contrário, demandava constantemente uma política de livre comércio, uma maior integração e apoio ao regime padrão-ouro con-

trolado pelos britânicos⁴³. Foram, ao contrário, corporações industriais que adotaram a estratégia vencedora, bem como o grande agronegócio necessário para manter os mercados de exportação após a Segunda Guerra Mundial. A política da Guerra Fria de Truman forneceu a estrutura necessária para alcançar a infusão contínua de liquidez sob a forma de dólares norte-americanos, que continuou até 1973, quando viu o fim negociado (embora o final real foi dois anos depois) da Guerra do Vietnã, coincidindo com a primeira crise do petróleo⁴⁴. Ainda assim, como Polanyi deixa claro, o setor financeiro tinha sido uma força pacificadora ao menos entre as potências europeias durante a paz de cem anos⁴⁵ que se seguiu à batalha de Waterloo sob a hegemonia britânica, mas esse mesmo poder - das finanças sob a indústria enquanto interesse de classe na Inglaterra - ao mesmo tempo foi a base, junto com a posição britânica de entreposto mundial, da hegemonia britânica e de seu império territorial. Resumindo, interesses de classe análogos podem ser a base social de política divergentes no que tange expansão imperial e candidatura hegemônica. O setor financeiro norte-americano **antes** da Segunda Guerra Mundial e mesmo no mundo pós-guerra não foi a base da hegemonia estadunidense, de sua política na Guerra Fria, ou de seu complexo militar-industrial. Mas desde a “virada financeira” de outubro de 1979, quando o presidente do FED, Paul Volker, aumentou drasticamente os juros, e especialmente desde o fim da Guerra Fria no início dos anos 1990, o setor financeiro baseado nos EUA, mas crescentemente globalizado, tem sido um dos pilares principais da hegemonia norte-americana e da globalização enquanto política e da forma capitalista de expansão.

Corporações globalmente ativas, cujo apenas algumas são (e geralmente apenas nominalmente) baseadas nos EUA, tem um interesse em manter a globalização como uma forma de expansão capitalista. Mas quando os mercados diminuem, a competição começa a apertar e perder sua natureza de classe-cooperativa. As companhias, então, sentem-se “trabalhando para o público” – para utilizar da frase de Arrighi sobre os manufatureiros dos EUA durante a Grande Depressão de 1873-96 quando os preços caíram continuamente junto dos lucros – e questões como controle de recursos naturais, (e logo) território, força de trabalho, fornecedores de matérias primas e poder trabalhista que se relacionam a esses territórios, começam a tornar-se importantes. Nesse ponto, companhias globais podem ou se direcionar ao Estado nacional com o qual elas são mais estreitamente associadas por origem nacional ou por atividade, ou elas podem ver os EUA e seus aliados como seus pro-

43 Arrighi, *O Longo Século XX*, pp. 294-5.

44 Ibid. pp.296-7

45 Karl Polanyi, *A Grande Transformação*, p.10

tetores em escala global. A última opção foi, na minha visão, uma significativa base para a Governança Global como uma forma de unidade global da classe dominante.

Mas vemos em retrospecto que essa estratégia teve dois lados: de um lado, ela uniu as classes dominantes do mundo na exploração comum dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo, desenvolvendo uma cultura de classe comum baseada na “socialização das elites”⁴⁶ em Davos e na participação no G20, UE, OMC e outras cúpulas; ela também avançou uma ideologia cosmopolita em desenvolvimento que formalmente se opõe a identidades de raça, gênero, etnia, religião, nação e preferência sexual como bases de hierarquia *entre as elites*, enquanto deixava as desigualdades de classe crescerem a níveis sem precedentes. Por outro lado, a hegemonia dos EUA e a OTAN eram o guarda-chuva protetor sob o qual a classe dominante podia se assentar, adicionalmente assegurado por uma crescente integração dos setores mais abertos à globalização das elites financeiro-econômicas e elites políticas. Ainda que a distinção permanecesse entre as elites financeiro-econômicas e as elites políticas, crescentemente suas visões de mundo coincidiam ao redor da globalização e da hegemonia financeira como formas de civilização que não eram para serem questionadas ou criticadas.

Mas a mesma hegemonia dos EUA trouxe consigo o poder estatal estadunidense. Quando a competição deixa de ser amigável e cooperativa porque serve aos interesses de cada um no nível das elites globais, e, ao invés, se torna uma luta por recursos escassos – petróleo, água, território, fontes de alimentos, matérias primas para a maquinaria produtiva de um país ou para poderosas companhias globais competindo por acesso e correndo para um outro poderoso Estado para garantir a segurança dessas, o poder estatal dos EUA não será neutro. Especialmente porque essas condições são precisamente aquelas em que outros Estados vão estar ativos em se movimentar para garantir suas próprias bases econômicas, escorar as empresas com as quais têm uma relação privilegiada e estar dispostos a assumir mais riscos para realizar tais coisas. Os EUA, entretanto, com uma política de “domínio de espectro total”, deixaram claro que não vão tolerar potenciais concorrentes pela hegemonia. Mais uma vez as relações são paradoxais, mas ainda mais perigosas por esse fato: a globalização tem diretamente extirpado grande parte da base manufatureira de dentro dos limites territoriais dos EUA, e simultaneamente difundido, pela primeira vez, a indústria mundial para o Sul Global, e,

46 Ernst Haas, *A União da Europa: Forças Políticas, Sociais e Econômicas 1950-57* Stanford Univ. Press 1968. Veja como eu expandi esse conceito em Steven Colatrella, “Em nossas Mãos está Colocado um Poder: Austeridade, Onda Mundial de Greves e a Crise de Governança Global” *Socialismo e Democracia*, vol. 25, no. 3 Novembro 2011 pp. 82-106.

em seguida, concentrado esta grandemente dentro das fronteiras da China. Este processo levou, em especial desde a crise financeira asiática da década de 1990, à ascensão da China como uma potência industrial, militar e cada vez mais tecnologicamente experimentada, ainda que atrás dos EUA e grande parte do Ocidente. Ou seja, a própria política de financeirização tem, como no passado, fornecido as condições para a emergência de uma potencial potência hegemônica sucessora aos EUA.

Pois as corporações industriais baseadas nos EUA eram primeiro corporações e segundo industriais. Para ser claro, esse resultado estava um pouco em aberto por um tempo: o crescimento de uma abordagem racionalista e tecnocrática à estratégia corporativa e à governança foi bastante proeminente na década de 1950 e 1960⁴⁷. Foi precisamente após a financeirização do início dos anos 1980 que começamos a ver os mercados financeiros, agora, intervir na gestão das empresas com instrumentos como os pioneiros “*junk bonds*”, aquisições hostis, rebeliões de acionistas e outros movimentos para restaurar a natureza essencial capitalista qua capitalista (M-C-M') das corporações; estas foram restauradas para voltarem a serem vistas como piscinas de dinheiro que se desenvolveram em um determinado tempo e espaço para produzir ou realizar uma atividade específica, mas que cada vez mais não poderiam ser entendidas como definidas por esta atividade, nem por qualquer localização particular ou composição da força de trabalho (veja as discussões de David Harvey de como o capital cria ambientes e os destrói novamente quando seus custos superam sua rentabilidade). Assim, mesmo as companhias manufatureiras nos EUA têm cada vez mais dependido para lucros de seus próprios departamentos financeiros (como a GMAC para a General Motors) ao invés de suas vendas de produtos industriais.

Creio que aqui vemos os limites do quão longe a análise de Polanyi pode nos levar: este não é o livre mercado, como um mecanismo de autorregulação que requer que toda atividade esteja disponível no mercado e seja tratada como mercadoria (incluindo terra, trabalho e dinheiro como salienta Polanyi). Já não é mais “A necessidade de um mercado em constante expansão para seus produtos” (ela própria a fase que Arrighi define como “expansão comercial” em um ciclo histórico de hegemonias) que agora “persegue a burguesia por toda a superfície do globo”. É, ao invés, o livre fluxo de capital-dinheiro que deve ser permitido “se aninhar em todos os lugares, se assentar em todo lugar, estabelecer conexões por toda a parte”⁴⁸. E, uma vez que, como

47 Veja, por exemplo, Reinhard Bendix, *Trabalho e Aurotidade na Indústria*. Berkely: University of California Press, 1974, p. 319 e pp. 308-341

48 Karl Marx e Frederich Engels, *Manifesto Comunista* em Karl Marx. Londres: A Biblioteca do Colecionador de Pensadores Essenciais 2004, p. 25

Arrighi deixa claro, a fase de financeirização, o “sinal do outono”, em particular, envolve a transferência de capitais móveis da produção e comércio em dívida para o Estado, a dívida pública que é o epicentro dos esforços atuais para rentabilidade, com duas torções adicionadas à versão de hoje – o uso da dívida para desmontar o setor público (privatização) a fim de prover uma base material para futura expansão e lucratividade, e a extensão (globalmente) e intensificação (em dívida privada a larga escala, essencialmente transformando essa última em uma questão pública de política e composição de classe⁴⁹) da penetração da dívida como uma forma de dominação de classe.

Qualquer Estado que não queira estar em débito com as finanças globais, qualquer Estado que rejeite condições (ou para usar o termo do FMI/Banco Mundial, “condicionalidades”) impostas pelos credores, que procure a moratória, a renegociação, ou proteja seus cidadãos, cidades e firmas das imposições mais custosas, ou que resista à privatização da maioria de seu setor público, que rejeite ou mesmo procure o compromisso de autonomia do banco central de autoridades governamentais (eleitas ou não), rapidamente sentirá a fúria do governo dos EUA, de seus aliados militares, das agências de risco, e transferências de capital móvel e “lacunas” de taxas de juros de investidores. Que tamanha dívida pública tenha sido constituída recentemente, quer em socorro aos bancos falidos durante a crise financeira de 2008-9, quer pelas guerras travadas pelos EUA, apenas sublinha as relações de poder vigentes. Quaisquer tentativas de fonte alternativa de crédito, ou mesmo de investimento, não vinculadas às classificações das finanças globais são vistas como hostis a este regime e seu aliado estatal, os EUA.⁵⁰

Junto desta forma claramente agressiva de finanças, que, longe de ser uma fonte de paz mundial como na época da hegemonia britânica, é um interesse de classe chave na guerra, vêm os outros fundamentos da hegemonia dos EUA nos últimos anos: o dólar como única moeda de reserva, a vasta rede de bases militares dos EUA ao redor do mundo e o recurso cujo controle é a base para diversas localizações da rede de bases, o petróleo.⁵¹ O controle do petróleo, uma commodity que faz parte da produção de quase todas as ou-

49 Veja, por exemplo, Andrew Ross, *Creditocracia e o Caso para Recusa da Dívida*. New York: OR Books, 2013.

50 Veja as atuais tentativas pelas cortes dos EUA para prevenir a Argentina de pagar outros credores que não os baseados nos EUA que o próprio país aplicou moratória em 2001. Veja também as tentativas para derrubar Hugo Chavez na Venezuela, um governo que se retirou do FMI, e a hostilidade em relação ao governo de Evo Morales na Bolívia.

51 Kevin Phillips, *Teocracia Americana: os Perigos e Políticas da Religião Radical, Petróleo e Dinheiro Empréstado no Século XXI*. New York: Viking, 2006 traça algumas das ligações entre finanças, o dólar, petróleo, guerra e políticas religiosas.

tras mercadorias⁵², é uma grande prioridade política para os EUA ao redor do mundo e assim tem sido por muito tempo.⁵³ Obter monopólio ou um controle monopolista eficaz de petróleo em todo o mundo permitiria aos EUA ditar os termos de desenvolvimento econômico e as relações de poder mundial para o futuro próximo. Isso também impediria qualquer grande mudança em direção a fontes de energia renováveis, que não poderiam ser facilmente controladas militarmente pelos EUA e pelas corporações envolvidas com petróleo e que estão intimamente aliadas aos EUA. Já que o petróleo vinha sendo, até recentemente, comprado e vendido apenas em dólares americanos ao redor do mundo, com seu preço cotado em dólares, o controle do petróleo e a posição privilegiado de monopólio dos EUA como única fonte de dólares⁵⁴ ligava as finanças, o Estado americano, especialmente suas entidades mais poderosas como o Departamento do Tesouro e a Reserva Federal, e as forças armadas dos EUA ao petróleo.⁵⁵ Esse é o nexu de classe que é vinculado a uma forma de globalização financeirizada, agressividade militar, dívida como uma forma tanto de controle social e poder de classe doméstico quanto dominância global, e os meios de pagamento na economia mundial para o petróleo e a maioria das dívidas. O fato de que os EUA são o maior devedor do mundo não enfraquece esta estratégia na medida em que os EUA podem produzir dólares à vontade, ainda que fazê-lo em uma escala grande o suficiente significaria a ruína de seus principais credores, como China, Japão, Taiwan e a própria Wall Street eventualmente.

A base de classe da Governança Global não pode, portanto, ser entendida como tendo fornecido uma alternativa à hegemonia dos EUA na forma de política mundial multipolar, pluralidade global, ainda menos democracia global⁵⁶. Ao invés disso, Governança Global como uma forma política tem

52 Veja C. George Caffentzis, “A Crise de Energia do Trabalho e o Apocalipse” nas Notas da Meia Noite, *Petróleo da Meia Noite: Trabalho, Energia, Guerra 1973-1992*. Brooklyn: Autonomedia 1992 sobre as teorias de Sraffa e o papel do petróleo da reprodução do capitalismo.

53 Veja William Engdahl, *Um Século de Guerra: Políticas de Petróleo Anglo-Americanas na Nova Ordem Mundial*. Londress: Pluto Press, 2004.

54 Veja Susan Strange, “O Persistente Mito da Perda de Hegemonia”, em Organização Internacional. Vol. 41, no. 4 (Outono 1987) pp. 551-7, entre outros.

55 Veja a discussão da conexão entre finanças, a direita política e petróleo em Kevin Philipps, *Teocracia Americana: os Perigos e Políticas da Religião Radical, Petróleo e Dinheiro Emprestado no Século XXI*. New York: Viking 2006.

56 Esse é o erro em Elke Krahmann, “Hegemonia America ou Governança Global? Visões Diferentes de Segurança Internacional” *International Studies Review*, Vol. 7, No. 4 (Dez. 2005), pp.531-545. John Kerry etc. sempre deixou claro, a questão não era a hegemonia dos EUA – domínio político e militar e liderança internacional (hegemonia) de um lado e dar espaço para um mundo não liderado pelos EUA de outro, no qual os EUA seriam no máximo primis inter pares, mas sim entre os EUA trabalhando proximamente com seus aliados e outras nações

sido envolvida, como argumentei em outro momento⁵⁷, na tentativa de fundir as elites econômicas e políticas através de inter-relações de poder político e financeiro de maneira global ao redor de um projeto e poder de classe comum, como uma perspectiva de classe global comum. O Estado norte-americano, e especialmente seu poderio militar, nesta versão iriam perder o seu caráter territorial na medida do possível, bem como quaisquer características étnico-culturais remanescentes, mas ao mesmo tempo se tornaria “globalizado”, juntamente com a OTAN como principal proteção político-militar para essa classe, com outros Estados seguindo essa mesma linha também. Essencialmente, o caráter autônomo do Estado como dominação de classe direta pelo capital seria acabado, e esse processo, deve-se dizer, tem avançado a um considerável grau, com agências do Estado que são quase removidas da pressão popular, como os bancos centrais, crescendo em termos de poder (na verdade, o que costumava ser “política econômica” está agora sendo em grande parte governado por estes, junto de organizações globais como o FMI, a “troika” da União Europeia, e a OMC). Mas a cessão de poder *per se* pelos EUA para qualquer outra potência estatal ou para uma comunidade de nações sem um poder hegemônico nunca esteve na agenda, mesmo que alguns elementos do capital possam achar esse cenário aceitável ou atraente.

Condições 1) e 3) na análise de Schumpeter, descrita acima, são então concretizadas: há um interesse de classe real e poderoso na hegemonia e em uma forma agressiva e até mesmo militarizada de mantê-la, e há um interesse especificamente capitalista neste projeto, toda uma cobertura ideológica libertária em que livre comércio significa o fim dos conflitos nacionais. Mas faltando a 2), que é um aliado de classe, o projeto hegemônico arrisca colapsar em mera dominação sem hegemonia (liderança), tanto quanto ela não tiver Estados nacionais e setores do capital estrangeiro dispostos a seguir a liderança do poder hegemônico. Os Estados nacionais estão começando a mudar de ideia, como o resto deste artigo deixará claro. E ainda que alguns ainda possam ser confiados em continuar a apoiar os EUA a todo custo, muitos desses o farão não pelo modelo de capitalismo que a hegemonia dos EUA traz consigo, mas por termos estritamente geopolíticos, quais sejam motivos territoriais. Pensa-

através de organizações de governança global multilaterais como a ONU, G20, OMC, FMI e OTAN, ou agindo de maneira sozinha como era geralmente a política durante a administração de GW Bush. Aí é onde a teoria de “Império” de Toni Negri e Michael Hardt exageraram o caso para uma forma de soberania totalmente globalizada e descolada de localização, como os eventos deixaram claro desde a publicação de Toni Negri, Michael Hardt, *Império*. Cambridge: Harvard 1999. Veja a crítica justamente sobre este ponto em Arrighi e Silver.

57 Colatrella, “Em nossas Mãos está Colocado um Poder” op cit., e Steven Colatrella, “Governança Global e Revolução no Século XXI: Greves, Austeridade e Crise Política” em *Nova Política*, Vol. XIII, No. 3, Verão 2011.

-se no Japão, algumas outras nações do Sudeste Asiático, como o Vietnã e as Filipinas, e alguns países da Europa Oriental, por exemplo. Mesmo a aliança com a Índia (sobre a qual há mais abaixo) agora é impulsionada mais pelas preocupações com o mapa geopolítico da Ásia do que com entusiasmo pela globalização como na década de 1990.

John McDermott identificou a classe técnico-profissional de trabalhadores altamente qualificados como um aliado-chave dos capitalistas (qua alta gestão e classe de investidores) contra a maioria da classe trabalhadora na era das corporações. Ele também argumentou de maneira perspicaz que esta classe é uma grande classe constituidora para a globalização.

McDermott escreve sobre essa classe:

Uma massa ou formação social populosa, é constituída por uma porção substancial da força de trabalho moderna, tipicamente 20-30% em uma economia desenvolvida, talvez entre 5-15% em uma menos desenvolvida, embora concentrada nas principais cidades.

É uma classe verdadeiramente internacional. Ativa tanto nas partes mais avançadas quanto menos avançadas do mundo, seus membros 1) dividem ocupações e postos convergentes dentro do moderno aparato produtivo, governamental e privado, 2) graças à uma convergente, muitas vezes idêntica, educação secundária, universitária e de pós-graduação, ou particular ensino técnico. Membros dessa classe também 3) dividem similares padrões de consumo da vida material/social, 4) cultivam preferências políticas e culturais semelhantes, 5) comumente enviam suas poupanças para os países desenvolvidos, 6) normalmente trabalham para as mesmas instituições, 7) desfrutam de uma sobreposição de frequência e tipos de viagem e turismo e, muitas vezes, 8) têm outras conexões pessoais diretas e institucionais, como através de laços familiares ou educacionais.⁵⁸

Essa classe é essencial para a produção moderna. Em sua forma como gestão intermediária, certamente não poder ser considerada como aliada da classe trabalhadora, mas, como profissionais – especialistas de laboratório, cientistas, médicos, designers de softwares, programadores, designers gráficos, arquitetos, e assim por diante –, existem razões para pensar que podem ter algumas das características atribuídas por Thorstein Veblen aos engenheiros, técnicos e designers de seu próprio tempo. Enquanto McDermott postula que o longo treinamento e qualificação de tal força de trabalho significa que uma lei bi-modal de valor pode agora estar em operação e pode justificar es-

58 John McDermott, “Uma Massa Constituidora para a Globalização”. *Repensando Marxismo* Volume 20, Número 1, 2008 pp. 151-159, p. 152.

truturalmente maior remuneração para profissionais altamente qualificados (quem me dera!), isso por si só não essencialmente significa que uma aliança com o capital em sua forma atualmente hegemônica é necessariamente uma realidade permanente. Na verdade, há sinais de que essa aliança se desfez nos últimos anos, na esteira do colapso econômico de 2008 e a subsequente recessão e unilateral recuperação, em que os ganhos estão indo para uma pequena minoria⁵⁹. Ainda que uma classe global provavelmente vá querer uma economia global, a lacuna entre promessas e realidades sugere que pode haver mais de uma globalização possível sob as atuais capacidades materiais, e se a atual versão não está beneficiando a classe mais global, uma necessária à avançada economia contemporânea, então outras possibilidades se abrem. Uma globalização não capitalista é possível? É possível que a classe média técnica-profissional leve a cabo suas criativas, intelectualmente desafiadoras e intrinsecamente interessantes formas de trabalho sem depender de instituições estritamente capitalistas (M-C-M') para as quais nenhum projeto, independentemente de quão gratificante, racional, benéfico, materialmente possível ou justificável, deve ser realizado a menos que gere lucros para elas? É possível um diferente bloco histórico gramsciano?

O Pivô Eurasiano

Em um sentido muito real, a última obra de Arrighi, *Adam Smith em Pequim*, é uma sequência e uma conclusão para *O Longo Século XX*, e um capítulo final para o que eu vejo como uma trilogia, incluindo *Caos e Governança no Sistema Mundial*, coeditado com Berverly Silver. *Adam Smith em Pequim* postulou a possibilidade da China liderando um diferente modelo de desenvolvimento, baseado na restauração da soberania nacional sobre a escolha do modelo econômico e social mais bem adaptado para cada país da maneira como seu governo e seu povo entender melhor. Mas isso estava ligado com um mercado mundial, incluindo todos os países, e trazendo aquela paridade crescente que Adam Smith viu o mercado mundial eventualmente trazendo

59 Robert Reich, "A Escolha do Século" *New York Times*, Nov. 12, 2014 reporta que todos os 100% (!) dos ganhos da recuperação foram para os 10% das pessoas que mais ganham nos EUA e 95% para o 1%. Isso deixaria os 9% atrás do 1% no topo recebendo apenas 5% dos ganhos, significando um ganho desproporcionalmente baixo se comparado com sua presença numérico, sem contar a posição crucial que jogam, como McDermott argumenta, na economia. E se tal classe no rico EUA pudesse ser, ao invés, 20-30% da população, a base material da aliança pareceria bastante escassa. Veja também Paul Krugman, "Graduados contra Oligarcas", *NY Times* Nov.1, 2011, que demonstra que nos últimos 30 anos os graduandos universitários não tem se beneficiado desproporcionalmente do crescimento, com quase TODOS os benefícios do aumento de renda nacional nos EUA indo para o o topo 0,001%.

se liberto da hegemonia ocidental. O Ocidente impôs seu maior poder militar e tecnológico em Estados não ocidentais. *Caos e Governança* terminou com um ensaio conjunto por Silver e Arrighi vendo uma bifurcação na estrada a frente: ou uma aceitação benigna por parte da atual hegemonia dos EUA de que seu dia ao sol estava acabando e que ele poderia continuar uma grande potência entre outras em uma nova ordem mundial baseada em maior cooperação, ou usar sua superioridade militar sem precedentes para impor sua vontade sobre o próprio sistema capitalista, reduzindo outros centros de lucro à Estados tributários e se tornando o centro de um império mundial. Neste caso, e a ironia não é perdida por Arrighi, seria o país capitalista por excelência, os EUA, que constituiriam a maior ameaça à existência continuada do capitalismo. Seu poder pode ser suficiente para finalmente encerrar mais de 500 anos de uma série de ciclos históricos de acumulação e de transferência de hegemonia de uma potência para a outra, que tem sido a pré-condição para essa reprodução em uma maior escala. Assim, à primeira vista, pode parecer que temos uma chance – se nos é permitido escolher – entre uma ordem de mercado mundial benigna liderada pela China entre iguais ou um império mundial com os EUA no seu centro.

Mas as coisas são mais complicadas do que o cenário indica. De fato, como Arrighi deixa claro, o máximo que podemos dizer com alguma certeza é que direção exatamente a China tomará é impossível de se prever, e que as chances de uma economia de mercado em que a China lidere como uma síntese de modelos ocidentais e asiáticos de desenvolvimento econômico (a “Revolução Industrial” e a “Revolução Industriosa”) têm aumentado ao longo dos últimos anos. Da mesma forma, as chances de conflito entre grandes potências e caos sistêmico têm aumentado. Ainda assim, algumas coisas são claras: os líderes chineses não tem intenção de continuar dependentes da dominação ocidental e dos EUA sobre a oferta de moeda mundial nem do monopólio de poder dos EUA sobre petróleo e gás natural; China e Rússia não cederam sua segurança geopolítica nacional nem para as instituições de Governança Global, nem para os EUA e a OTAN, que, pelo contrário, eles veem, muito justamente, como as maiores ameaças a sua segurança, nem para uma globalização etérea nas quais esferas de influência, geopolítica e guerra são coisas do passado; e ambas estão, na melhor das hipóteses, impacientes, e na pior, tornaram-se suspeitas das contínuas aventuras militares dos EUA.

A criação por parte da China da Rota da Seda, do Banco de Investimento Asiático, seu patrocínio da Organização de Cooperação de Xangai (OCX), sua abertura conjunta com a Rússia de uma nova janela de ouro, e sua série de acordos bilaterais com a Rússia e outros membros da OCX, com o Qatar, Canadá e mesmo Inglaterra, permitindo o comércio direito na moeda

de cada um (ao invés de dólares), e sua construção de um canal transoceânico na Nicarágua⁶⁰, tudo deixa claro que qualquer dependência de finanças politicamente ligadas aos EUA está fora de questão para a China. A Rússia pretende evitar a dependência destas mesmas fontes tanto quanto possível, e por essas razões tem se aproximado economicamente e diplomaticamente de Pequim⁶¹. Esse fato por si só coloca estas duas grandes potências em posições de alvo para os EUA. A criação por parte da China de fontes alternativas de financiamento em relação àquelas apoiadas pela hegemonia dos EUA como o FMI e o Banco Mundial – proporcionando investimentos na África, infraestrutura na Eurásia e comprando petróleo russo, e através de convites ao Irã para aderir à OCS (assim como para Índia e Paquistão⁶²) e acordos bilaterais com o Qatar para comprar petróleo desses países e alguns na África cada vez mais sem o uso de dólares – todas essas atividades significam conflito com os EUA a menos que este esteja disposto a ceder seu controle privilegiado do capital mundial graciosamente. O que agora parece improvável.

Enquanto isso, a justificável revolta da Rússia com a expansão da OTAN para perto de suas fronteiras e os convites propostos à Geórgia e à Ucrânia para aderirem à OTAN, e a UE como uma casa no caminho para a OTAN, significa que a geopolítica está de volta ao mapa. A expansão da OTAN, entretanto, devemos lembrar, ocorreu principalmente durante a administração de Bill Clinton, ou seja, durante o ponto mais alto da globalização “pacífica” e o aparente movimento irresistível em direção à Governança Global. Por esta única razão, qualquer tentativa de prevenir o risco de uma guerra mundial, de potenciais blocos hegemônicos competidores, através do apelo à anterior fase multilateral de formulação de políticas, organizações internacionais e expansão do comércio mundial, está fadada ao fracasso: assim como a Primeira Guerra Mundial, a Grande Depressão, o Fascismo, o Stalinismo, o *New Deal* e a Segunda Guerra Mundial seguida da Guerra Fria, todos tiveram raízes na tentativa de criar um mercado autorregulado como modelo para a sociedade no fim do século XIX e início do século XX, como Polanyi demonstra, a “Nova Guerra Fria” também é um aspecto da ampla realidade que Polanyi notou como um “duplo movimento”, em direção e contra a subordinação de mais da vida e das instituições da sociedade ao controle do mercado autorregulado e

60 “O Canal da Nicarágua da China Pode Desencadear uma Nova Revolução Centro-Americana” *The Daily Beast*, 30 de novembro de 2014. <http://www.thedailybeast.com/articles/2014/11/30/china-s-nicaragua-canal-could-spark-a-new-central-america-revolution.html>.

61 James Petras, “A Vulnerabilidade da Rússia às sanções da UE-EUA e Intrusões Militares” *Global Research*, 9 de novembro de 2014, argumenta que é precisamente a classe capitalista conectada com o Estado que é o elo fraco na tentativa de Putin de continuar independente nesta crise.

62 Que aderiram em 2015.

do capital móvel, hoje sob a forma do uso da dívida para impor a privatização sobre toda a sociedade.

A expansão da OTAN tem ocorrido por três questões relacionadas: manter indefinidamente a hegemonia dos EUA e prevenir o surgimento de quaisquer desafiantes à essa ordem, incluindo as principais potências regionais; dominar as principais fontes e rotas de petróleo e gás natural; e impor regras neoliberais e o uso da dívida para privatizar e integrar na ordem globalizada das corporações, finanças globais e hegemonia dos EUA qualquer país ou setor que já não tenha sido totalmente integrado. Se a política dos EUA e de Wall Street tem, em certa medida, se auto-iludido sobre o quanto a China estava disposta a colocar sua sociedade e sua economia sob essas relações poder, suspeitas quanto à Rússia estavam profundamente enraizadas. Enquanto a história do aparente desafio da URSS à dominação dos EUA é uma, acredito que há uma história de longa duração da Rússia em jogo aqui também. A Rússia nunca foi totalmente integrada no sistema capitalista mundial como um país periférico, mesmo que alguns setores de sua economia tenham se aproximado dessa relação⁶³. De fato, “Rússia Permanece fora do Terceiro Mundo” é o título do capítulo de Stavriano sobre Rússia durante a ascensão do capitalismo como sistema mundial. O poder do Estado russo e a manutenção de relações não-privatizadas de propriedade sobre a terra, entre outros fatores, manteve a Rússia independente da plena integração como uma mera fonte de matérias-primas ou força de trabalho por séculos. A Revolução de 1917 e o subsequente regime soviético reforçaram essa relativa distância de dominação das relações capitalistas. Certamente até mesmo a URSS precisava de algum acesso ao capital móvel, e seu limitado acesso a essa fonte de poder e recursos significou ficar para trás do Ocidente no fim dos anos 1970 e os anos 1980 durante o movimento em direção à tecnologia de ponta. E o programa de Terapia de Choque⁶⁴ do começo dos anos 1990, no qual meros sete oligarcas ganharam enorme controle sobre grande parte da economia russa, e durante o qual a base industrial de uma superpotência foi desmantelada,

63 Isso é tornado claro por L. R. Stavrianos em seu magistral *Fissura Global: o Terceiro Mundo Amadurece* Nova York: William Morris 1981, pp. 68-74; obviamente aqui nós entramos no terreno clássico dos debates marxistas: VI Lenin, *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*, VI Lenin *Trabalhos Coletados Volume 3* Moscou: Progress Publishers, 1977 obviamente argumentou o oposto, no contexto do debate marxista russo com Narodniks. Isso significa que o debate sobre a integração russa no sistema mundial capitalista está intrinsecamente interligado com o debate sobre as terras comuns russas. Esse é uma questão de importância global hoje em dia mas está além do escopo deste trabalho.

64 Veja entre outros Naomi Klein, *A Doutrina de Choque*, e Marshall I. Goldman, *A Privatização da Rússia: a Reforma Russa Vai Embora* Londres e Nova York: Routledge, 2003, bem como Michel Chossudovsky, *A Globalização da Pobreza e a Nova Ordem Mundial* 2ª edição Pincourt Quebec: Global Research 2003.

a deixou como uma fonte de commodities de energia e armas no mercado mundial. Isso foi o mais próximo em sua história de 500 anos de capitalismo que a Rússia chegou em direção à plena integração e dependência das forças capitalistas.⁶⁵

Além disso, os EUA continuaram a reconhecer a Rússia, mesmo depois da Guerra Fria ter terminado, como seu único potencial competidor militar, principalmente devido à manutenção da Rússia de seu grande arsenal de armas nucleares, e de um ainda maior, ainda que um pouco enferrujado, poder militar convencional dentro do alcance das fronteiras dos membros da OTAN, um fato ironicamente tornado mais relevante justamente devido à expansão da OTAN para ainda mais perto das fronteiras da Rússia. O fato da Rússia ter avançado contra os oligarcas sob Putin, ter continuado o capitalismo mas com as mais poderosas empresas próximas ao Estado russo e seus líderes, e ter uma vasta oferta de petróleo e gás natural fora do controle dos EUA, significa que ela continua sendo uma ameaça em potencial. Essa combinação de poder militar e de se posicionar como uma importante fonte de petróleo e gás para a Europa e Ásia e, portanto, como uma força que poderia quebrar qualquer estrangulamento dos EUA sobre outras economias do mundo, significa que os EUA têm continuado, com apenas uma breve pausa, suas tentativas em relação à capacidade de primeiro ataque nuclear através do desenvolvimento e implantação de um escudo antimísseis. A saída, sob a segunda administração Bush, do tratado START, a implantação na Polônia e na República Checa de partes do sistema, e a provocação de um golpe patrocinado na Ucrânia no ano passado, seguido por uma série de movimentos agressivos, incluindo sanções, um efeito propaganda em todo o mundo através de declarações oficiais e meios de comunicação relacionados aos EUA tratando a Rússia e seu presidente como agressores, hostilidade contra o governo da Síria, têm demonstrado claramente para a Rússia que espera-se que ela se afaste de qualquer pretensão à segurança nacional e interesses geopolíticos, à soberania sobre seus próprios recursos naturais e para quem ela pode vender estes, e à qualquer participação em qualquer modelo alternativo de desenvolvimento diferente da globalização neoliberal sob o domínio das finanças ligado aos EUA e seus aliados.

Em vez disso, a Rússia tem, ao longo da última década, se movido

65 Aqui minha análise desafia as por vezes brilhante formulações e árdua pesquisa do próprio Lênin em *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. Mas enquanto Lênin descreveu com precisão a tendência, eu acho que para o bem de sua polêmica que teve consequências políticas imediatas (o debate com os Narodniks sobre a classe trabalhadora versus a revolução camponesa), ele exagerou o caso, particularmente por subestimar o grau em que a terra foi privatizada na Rússia pré-Revolução.

para cada vez mais perto da Alemanha, como um velho sonho de Lênin, da tecnologia alemã ligada aos recursos russos, começado a tomar forma. Mas os laços ocidentais estão agora em perigo em relação a questões diplomáticas, demonstrando o que James Petras chama de uma fraqueza estratégica da estratégia de Putin para restaurar a soberania da Rússia e sua economia depois do colapso da economia e da sociedade durante os anos Yeltsin.⁶⁶ Com a alta demanda da China por petróleo devido ao seu próprio crescimento econômico, e graças à conveniência geográfica, a Rússia tem recentemente se movido para próximo da China. Juntas, as duas potências começaram – não sem dificuldades e contradições, reconhecidamente – a construir uma alternativa ao dólar, às finanças ocidentais e mesmo à própria globalização. Essa alternativa, baseada na soberania nacional sobre os modelos de desenvolvimento, comércio sem a dominância do dólar (através da aceitação das moedas de cada um ou de ouro, ou comércio do tipo petróleo por produtos), frouxa aliança militar, e na estreita integração infraestrutural de praticamente toda a Eurásia, está agora em aberto, se ainda não em pleno andamento.

A China está financiando e planeja unir através de infraestrutura, como com ferrovias de alta velocidade, toda a Eurásia, desde sua própria Costa Pacífica através de portos que tem construído no Paquistão e também pela Ásia Central em direção à Turquia, Veneza e Berlim⁶⁷ e pelo Mediterrâneo, Europa e Oriente Médio. Uma aliança econômica alemã-russa⁶⁸, tornada mais difícil através do golpe da OTAN-EUA-UE na Ucrânia, mas ainda não inteiramente fora da mesa (com os formuladores de política alemães parecendo agora consideravelmente divididos), ligaria a UE, ou uma parte substancial dela a este projeto. A União Econômica Eurasiática foi criada em maio de 2014 e as ambições em relação a ela, ou alguma sucessora, são vastas. Essa união seria imune à dominação estadunidense dos mares – teria acesso a todos os recursos naturais e mão de obra e à infraestrutura de transporte através da terra através de ferrovias de alta velocidade financiadas e construídas pela China por toda a Ásia e Europa, além do acesso ao Oceano Índico, o Mar da China e o Golfo Pérsico. Somado à notável presença da China na África – mais de um milhão de chineses vivem agora nesse continente e o investimento e a infraestrutura chineses têm integrado cada vez mais partes da África ao de-

66 James Petras, “A Vulnerabilidade da Rússia às sanções da UE-EUA e Intrusões Militares” Global Research, 9 de novembro de 2014.

67 Pepe Escobar, “Ainda mais Além na Estrada Multipolar: A Rota da Seda da China para a Glória” Counterpunch, Nov. 14-16 2014.

68 O realista George Friedman em *Os Próximos Cem Anos* Nova York: Anchor 2010 argumenta que uma aliança russo-alemã, não uma hegemonia chinesa é a real história do século XXI.

envolvimento econômico liderado pela China⁶⁹ – esses processos podem levar precisamente ao fenômeno no centro da agenda de pesquisa de Arrighi: a ascensão de uma potência hegemônica sucessora, capaz de reorganizar as bases para acumulação de capital mundial para o sistema como um todo, e, em uma escala geográfica maior, combinando domínio político e econômico com uma liderança percebida como do interesse de todas ou da maioria das elites e uma expansão da distribuição de benefícios do sistema para uma grande parte da população mundial. Para Arrighi, uma maneira de expressar essa possibilidade é a realização da esperança de Adam Smith de que a economia de mercado iria distribuir avanços tecnológicos, econômicos e político-militares para todos os países, criando uma condição mais ou menos igual entre as nações do mundo de tal forma que elas encontrariam no comércio pacífico e no desenvolvimento um interesse mútuo. No momento, parece que o cenário preocupante de Silver e Arrighi identificado no seu ensaio final em *Caos e Governança no Sistema Mundial* é, ao invés, um resultado mais provável. Esse cenário é o colapso do sistema para o caos devido ao poder hegemônico em declínio resistir às mudanças, neste caso os EUA usando seu poder militar, sem precedentes na sua capacidade destrutiva ou no seu alcance global, para evitar que um novo sistema como tal surja.⁷⁰

Como afirmam os autores, “o ajuste e acomodação dos EUA à potência econômica ascendente da região do Leste Asiático é uma condição essencial para uma transição não catastrófica para uma nova ordem mundial”. Eles acrescentam que, como no passado, uma nova ordem, assim como Marx argumentou no que diz respeito a cada nova classe dirigente, deve dominar através de uma base de classe social mais ampla que a classe dirigente anterior (a hegemonia holandesa representou as burguesias nacionais, o domínio britânico incluiu as elites coloniais e mais tarde as elites orientadas em toda parte para o livre comércio, e a hegemonia inicial dos EUA envolveu um semi-*New Deal* de descolonização e as garantias de um Estado de bem-estar social para os trabalhadores nos países industrializados):

Uma condição igualmente essencial é a emergência de uma nova liderança global a partir dos principais centros de expansão econômica do Leste Asiático. Essa liderança deve estar disposta e ser capaz de levantar-se perante à tarefa de fornecer soluções ao nível sistêmico para os problemas de nível sistêmico deixados pela hegemonia dos EUA. O mais severo desses problemas é o aparentemente intransponível abismo entre as chances de vida de

69 Veba Howard W. French, *O Segundo Continente da China* Nova York: Knopf 2014.

70 Giovanni Arrighi, Beverly Silver, “Conclusão” em Arrighi & Silver eds., *Caos e Governança no Sistema Mundial*, pp. 288-9.

uma minoria da população mundial (entre 10 e 20%) e da vasta maioria... Esta é uma imponente tarefa que os grupos dominantes dos Estados do Leste Asiático mal começaram a empreender. Nas transições hegemônicas passadas, grupos dominantes tiveram êxito na tarefa de formar uma nova ordem mundial apenas depois de grandes guerras, caos a nível sistêmico e intensa pressão de movimentos de protesto. Essa pressão de baixo tem se alargado e se aprofundado de transição para transição, levando a blocos sociais ampliados a cada nova hegemonia. Assim, podemos esperar que contradições sociais desempenhem um papel muito mais decisivo do que nunca na formação tanto da transição quanto de qualquer ordem que eventualmente emerge do caos sistêmico iminente. Mas se os movimentos vão, em grande medida, seguir e ser moldados pela escalada de violência (como em transições passadas) ou preceder e efetivamente trabalhar para conter o caos sistêmico é a questão em aberto. A sua resposta está, em última análise, nas mãos desses movimentos.⁷¹

Os movimentos de 2011, com seus protestos dos 99% contra o 1%, parecem ter generalizado alguns dos temas de vanguardas dos movimentos de massa antiglobalização antecedentes, do fim dos anos 1990. Com suas demandas por democracia direta e um fim do uso da dívida para explorar o trabalho e expropriar terras, recursos e bens públicos, esses movimentos podem ter fornecido uma agenda para pressão popular futura naqueles que se apresentariam como os líderes de uma ordem mundial pós-hegemonia dos EUA. Mas a atual liderança de Rússia e China (e do Irã, Síria e outros países aliados), ou, nesse caso, da própria UE, ainda que esteja dividida entre atlantistas pró-globalização dos EUA e entre integração eurasiática, dificilmente são atentas ou interessadas em atender a essas demandas.

As classes que têm um interesse em tal alternativa eurasiática incluem a indústria e finanças chinesas, petróleo e gás russos, e industriais em toda a Europa que não se beneficiaram com o domínio das finanças globais e de um Euro sobrevalorizado (que, no entanto, desvaloriza as exportações alemãs em comparação com o marco alemão). Eles constituem um bloco indiscutivelmente mais amplo em suas conexões sociais do que as finanças globais, mas são dificilmente democráticos em sua natureza. Para ter certeza, o absurdo de uma economia mundial em que as três maiores economias: os EUA, a União Europeia e a República Popular da China estão todas orientadas para a exportação global a despeito de suas vastas populações, forças de trabalho qualificadas ou cada vez mais qualificadas e consideráveis recursos em escala continental, ao invés de em direção a um projeto de desenvolvi-

⁷¹ Arrighi e Silver, "Conclusão" em *Caos e Governança no Sistema Mundial*, p. 289.

mento essencialmente nacional ou regional baseado em uma versão moderna de uma “revolução industrial” é inexplicável, exceto por ser do interesse de uma classe ou aliança de classes mais poderosa do que a alternativa. Assim, o apelo potencialmente ainda maior de um projeto de desenvolvimento em escala continental é aparente. Mas, as formas repressivas de Estado de ambas as grandes potências – essas falam por si e dão uma pausa por um momento para qualquer visão ingênua de tal alternativa, dadas as formas brutais que o controle social tem em ambos os países (não que seja muito brando nos EUA ou Europa nos últimos anos também) – deixam de lado o fato de que os combustíveis fósseis, por exemplo, ou que as relações com os países da Ásia Central e da África têm pelo menos um toque de estilo do velho colonialismo, significa que a indústria chinesa e o petróleo russo podem não fornecer um modelo de bloco histórico muito mais representativo que a América das corporações globalizadas e das finanças internacionais.

Terminarei esse artigo com algumas reflexões, ao invés, sobre a classe média de John McDermott de profissionais, técnicos, gerentes de nível médio, e cientistas, sobre a classe trabalhadora, e sobre potenciais aliados e projetos comuns. Mas, primeiro, um último pensamento está em ordem sobre a própria teoria de Arrighi de potências hegemônicas sucessoras.

Arrighi ressalta que cada nova hegemonia, enquanto se movimentando em direção a organizar o sistema mundial em uma escala maior, com uma base social mais ampla, também se move para trás historicamente, retornando aos elementos que caracterizaram a potência hegemônica que precedeu aquela que ela própria substituiu. Assim, os holandeses fundiram os interesses capitalistas com a integração estatal territorial em eco com Veneza, os britânicos organizaram as finanças internacionalmente em uma base capitalista similar à Gênova, mas também expandiram a aliança Estado territorial-financeiras globais, os EUA basearam sua hegemonia em grandes corporações similares à Companhia das Índias Orientais holandesa, e no apoio à independência nacional e assim adiante. Arrighi sugere que o capitalismo do Leste Asiático relembra a escala pequena à média das firmas de base familiar numa economia de mercado, que caracterizou a economia britânica durante quase todo o seu período hegemônico. Eu sugeriria que, embora este movimento para atrás do Leste Asiático para retomar o capitalismo britânico seja real, há uma periodização alternativa possível. Acredito que, em um sentido, houve duas versões diferentes da hegemonia dos EUA e não apenas uma. De 1945 a 1979, os EUA basearam seu domínio em corporações industriais usando integração vertical para internalizar mercados, um *New Deal* internamente e um keynesianismo militar internacional e distância, se não hostilidade, para com o poder potencial das finanças globais. Como o próprio Arrighi escreve,

quando, depois de 1979, os EUA se aliam com as finanças, as implicações foram vastas:

A negligência estadunidense dos princípios do dinheiro desde Roosevelt e Truman tinha uma finalidade social – em primeiro lugar o *New Deal* doméstico e depois o internacional. Trabalhar lado a lado com as altas finanças privadas significava abandonar tudo o que o governo dos EUA tinha defendido, durante quase meio século, não apenas em questões monetárias, mas em questões sociais também.⁷²

Em certo sentido, não foi a hegemonia sucessora, mas a dos próprios EUA que retomou as políticas e formas britânicas. Os apelos à liberdade de comércio, o mantra dos livres mercados e da filosofia libertária-individualista que tem sido dominante agora por décadas, bem como a volta de uma economia global ao invés de uma baseada dentro dos recipientes nacionais de poder, são todos retornos a formas britânicas pelos próprios EUA. Isso, de certa maneira, deixou o caminho aberto a China e seus aliados em qualquer projeto hegemônico alternativo para retornar não a formas britânicas a partir das americanas, mas as próprias americanas anteriores – o Estado nacional em vez das finanças globais no controle da criação do dinheiro, na preocupação com emprego (embora muito seja deixado a desejar de qualquer versão Chinesa do *New Deal* até agora, deve ser dito), políticas de bem-estar social como o “campo socialista harmonioso” e as recentes alterações relativamente pró-trabalhador em leis trabalhistas – e embora as firmas familiares sem dúvidas permanecem importantes – a ascensão de corporações globais baseadas na China. No entanto, para além deste retorno às formas hegemônicas norte-americanas i.o, o projeto de unir uma vasta parte das regiões do mundo em uma economia de mercado conectada, com alguma infraestrutura facilitando o transporte e as comunicações, também remonta para ainda mais atrás – para a economia mundial antes da própria ascensão do capitalismo – aquela originalmente ligada de maneira política pelo Império Mongol.⁷³ Isso é interessante porque sugere que a visão Smithiana de Arrighi, que uma economia de mercado mundial de Estados mais ou menos iguais, sem uma hegemonia baseada em uma potência predominante aliada com a classe capitalista dominante, pode ser possível em bases geográficas semelhantes à última economia mundial não capitalista.

72 Arrighi, *O Longo Século XX*, p. 319.

73 Janet Abu-Lughod, *Antes da Hegemonia Europeia: a Economia Mundial 1250-1350*. Oxford e Nova York: Oxford Univ. Press, 1989.

A base de classe da sociedade pós-capitalista, ou, a república

Então, temos uma classe global de finanças que agressivamente necessita se assentar em todos os lugares, se fixar em todos os lugares, contando com a dívida para expropriar (privatizar) e explorar todo recurso e atividade, ligada ao poderoso Estado hegemônico com uma rede global de bases militares que procura controle total sobre o petróleo e sua disponibilidade, e impondo sua própria moeda a todo custo como única moeda mundial; uma crescente aliança de Estados, incluindo os governos populistas de esquerda radical na América Latina, a própria China, Rússia, grandes partes da África e muitos outros em variados estágios de frustração com ou em oposição ao regime hegemônico, mas com grandes verbas disponíveis, especialmente por parte da China, e com consideráveis recursos energéticos; alianças geopolíticas vagas, mas cada vez mais definidas, de um lado ou outro da equação, com alguns Estados chaves (Índia, por exemplo, talvez Alemanha) jogando agora de um lado e depois de outro em um padrão confuso. Sabemos que nenhum projeto estatal, nacional ou internacional, tem muita probabilidade de sucesso sem o apoio de uma poderosa classe ou coalizão de classes na sociedade em pelo menos uns Estados chaves. E nenhuma classe, não importando sua relevância (como os industrialistas domésticos da Grã-Bretanha, por exemplo, no final do século XIX e XX, ou os proprietários de plantações nos EUA pós-Guerra Civil), é provável que veja seus próprios objetivos cumpridos sem o apoio de poder estatal, logo, sem suas necessidades coincidirem com aquelas dos Estados ou do interesse nacional. Existe uma configuração de interesses de classe com interesses estatais capaz de quebrar o monopólio de poder das finanças e das corporações globais e do complexo militar-corporativo dos EUA, enquanto ou democratizando ou permanecendo independente dos aspectos mais repressivos do projeto infraestrutural eurasiático liderado por China e Rússia? Em outras palavras, há uma anti-causa à Terceira Guerra Mundial que tenha recentemente aparecido no horizonte?

Esse artigo não pode definitivamente responder a essa pergunta, é claro, mas tem por objetivo delinear as fontes onde tal resposta pode ser encontrada. Este autor já tem argumentado que a luta contra a dívida e austeridade tem sido liderada por uma classe trabalhadora cada vez mais global em experiência, e tem sido especialmente evidente em setores específicos. Esses incluem transporte e logística, instituições públicas e serviços, como uma linha de frente na defesa dos Estados de bem-estar social existentes e remanescentes e contra a privatização do setor público *tout court*, e setores de exportação de países chaves do Sul Global (têxteis e sapatos no Vietnã, juta e vestuário em

Bangladesh, e eletrônicos na China, para citar alguns).⁷⁴ Também argumentei que imigrantes, engajando-se em ação coletiva em reação ao uso da dívida e programas de ajuste estrutural pelas instituições da Governança Global (o FMI e o Banco Mundial), apresentam a possibilidade de uma globalização da classe trabalhadora como ator político e que esta possibilidade tem sido realizada em algumas épocas e lugares.⁷⁵ Mas um elemento adicional, a saber, o que é hoje muitas vezes chamado de “classe criativa” ou “trabalhadores do conhecimento” – a classe média técnica de John McDermott, parece para mim a chave para qualquer possibilidade de transcender tanto a atual e perigosa conjuntura quanto para desenvolver um sistema mundial alternativo ao capitalista, que tem sido dominante pelos últimos cinco séculos. Tal alternativa não seria baseada no que Veblen chamou de “propriedade ausente”⁷⁶, ou seja, no controle puramente monetário e orientado ao lucro, e direitos à tomada de decisão em relação ao uso da riqueza e capacidade de criar e distribuir bens e serviços úteis. Pelo contrário, iria contar com a capacidade de usar o conhecimento acumulado da sociedade humana, personificado, como Veblen viu, em cientistas e em técnicos e engenheiros, e, como McDermott argumenta, em uma classe real de pessoas – as camadas médias ou classe média de profissionais e técnicos. Uma aliança em que esta classe e sua lógica sejam importantes elementos poderia muito bem se provar compatível, similar à visão de Arrighi e Adam Smith. Mercados para produtos disciplinando empresas que não são dominantes sobre estes, e ao ponto em que fazer dinheiro é para comprar coisas úteis para si, para o agregado familiar ou para uma comunidade ou para usar em uma maior produção de coisas úteis, e a visão marxista da produção para uso e não para lucro, e a visão marxista-feminista do trabalho necessário para reprodução social e não trabalho excedente para exploração, e a ênfase na proteção e expansão dos bens comuns – todas essas visões e outras de uma vida melhor podem se provar compatíveis, se reforçando mutuamente, expressando diferentes elementos de um bloco histórico, uma aliança popular transcendendo o capitalismo e para além da hegemonia.

Para Veblen, a propriedade ausente, essencialmente o uso de finanças e crédito para controlar as atividades de negócios visando o lucro e não a produção, é baseada em uma lógica feudal, estranha para a ciência moderna.⁷⁷ “Como a indústria, como um processo de fabricação e de produção dos

74 Colatrella, “Em Nossas Mãos” op. cit, and Colatrella, “Governança Global e Revolução” op. cit

75 Em Steven Colatrella, *Trabalhadores do Mundo: Migrantes Africanos e Asiáticos na Itália nos anos 1990* Trenton e Asmarra: Africa World Press 2001.

76 Thorstein Veblen, *Propriedade Ausente* Nova York: Viking Press 1923

77 Veblen, *Propriedade Ausente* p. 51

meios de vida, o trabalho à disposição não tem nenhum significado para os proprietários ausentes que se situam sobre o contexto fiscal desses interesses velados”.⁷⁸ Em contraste, “O sistema tecnológico é uma organização de inteligência, uma estrutura de ativos intangíveis e imponderáveis, na natureza dos hábitos de pensamento” e como McDermott argumenta, essa lógica existe, como toda lógica o faz, na forma de classes existentes no mundo real, “Ela reside nos hábitos de pensamento da comunidade e torna-se realidade nos hábitos de pensamento dos técnicos”.⁷⁹ Hoje, questões como energias renováveis e o próprio destino de nossa espécie na terra em face das mudanças climáticas envolvem assuntos de agricultura sustentável, de energia renovável, do aproveitamento da energia do sol, do vento, da água, do hidrogênio, e da fusão nuclear a frio; das mais recentes descobertas na ciência e as possibilidades de utilizá-las para fins humanos, tais como a capacidade de transformar luz em matéria⁸⁰, materiais básicos, como enzimas, em alimentos nutritivos⁸¹, softwares de computador em produção através de impressão 3-D, e exploração do espaço consistente com a relatividade⁸², enquanto se viaja em rodovias produtoras de energia solar⁸³, para citar algumas. No entanto, esta não é apenas uma questão da descoberta de forças naturais existentes, é precisamente o que Marx se referiu como o desenvolvimento das forças produtivas, estas forças sendo, primeiro e sobretudo hoje em dia, as capacidades coletivas de conhecimento moderno aproveitadas para transformar o mundo. Veblen entendeu isso muito bem:

No século XX, os técnicos tornaram-se um dos fatores padrão da produção; tanto quanto os recursos naturais de um país como madeira, carvão, petróleo e minérios. De fato, estas coisas são recursos naturais ao invés de características da paisagem porque os técnicos sabem como transformá-los ao uso. E a extensão e a variedade dos recursos naturais do país estão aumentando constantemente, porque e nessa intensidade os técnicos estão continuamente aprendendo a fazer uso de um maior número e de maior

78 Ibid. p.216.

79 Ibid p.280.

80 “Cientistas descobrem como transformar luz em matérias depois de missão de 80 anos” por Gail Wilson 19 de Maio de 2014 Imperial College London http://www3.imperial.ac.uk/newsandeventspggrp/imperialcollege/newssummary/news_16-5-2014-15-32-44

81 “A Impressora de Frutas 3D e a Framboesa com Gosto de Morango” Michael Molitch-Hou 27 de Maio de 2014 <http://3dprintingindustry.com/2014/05/27/3d-fruit-printer-raspberry-tasted-like-strawberry/>

82 “Nós poderíamos Viajar para Novos Mundos com a Nave Enterprise da NASA” *The Verge* 13 de Junho de 2014;

83 www.youtube.com/watch?v=qlTA3rnpgzU

variedade dessas coisas. A questão dos recursos naturais é, afinal, uma questão de percepção técnica.⁸⁴

O mesmo ponto pode ser feito hoje sobre qualquer coisa, desde códigos genéticos a energia solar, sobre se e quão rápido os vastos hemisférios Eurasiático, Africano e Americano podem ser transponíveis para o nosso lugar no universo e a conexão dos humanos a própria vida.⁸⁵ Em suma, a riqueza atual existe tanto na pessoa e nas capacidades da população trabalhadora como nas matérias-primas, dinheiro e capital ou nas plantas industriais e infraestrutura tecnológica ou nos códigos e programas de computador. Na verdade, todos estes últimos dependem da capacidade de trabalhadores com conhecimento para sua invenção, existência, manutenção, extensão, desenvolvimento, utilidade e, fundamentalmente, sua rentabilidade ou sua utilidade para aqueles no poder durante a guerra ou paz.

O regime de capital financeiro, recentemente apelidado de “Creditorocracia” por Andrew Ross⁸⁶ e apoiado pelo poderio militar americano, ao usar e incorporar em uma rede de dívida qualquer atividade social de todos os tipos, é claramente um maior desenvolvimento do regime de propriedade ausente que Veblen criticara quase há cem anos atrás. O alternativo projeto hegemônico infraestrutural eurasiático, liderado pela China e incluindo Rússia, claramente requer a mais massiva presença e a centralidade do conhecimento dos trabalhadores de todos os tipos – cientistas, engenheiros, técnicos e assim por diante, bem como trabalhadores qualificados no sentido mais tradicional. Portanto, se alguém alienar essa crucial classe que John McDermott tem visto como uma massa constituidora para a globalização e outros requererem suas habilidades em larga escala, essa classe estará em uma posição de fazer demandas e também de se afirmar como uma potencial líder da sociedade, em aliança com outras classes que poderiam se beneficiar de suas habilidades, visão e programa. Assim como Adam Smith viu a sociedade de mercado como uma forma não-capitalista de produzir não lucro e dinheiro mas bens úteis de um modo benéfico, Karl Marx viu a cooperação e o processo de produção como coincidentes com, mas distintos, do processo de valorização da auto expansão do capital, e Veblen viu a indústria como separada dos negócios em sua natureza e seguindo diferentes e crescentemente opostas lógicas, McDermott pode ter encontrado uma distinção entre a globalização em si – uma

84 Ibid. p.272.

85 Como o primeiro episódio do programa “Cosmos” de Neil DeGrasse deixou claro.

86 Andrew Ross, *Creditorocracia e o Caso para Recusar a Dívida* Nova York: Zero Books 2013. A frase foi cunhada por Mario Monti, antigo diretor do Banco Nacional da Itália e ex-tecnocrata (não eleito) primeiro-ministro daquele país.

maior integração, sob modernas condições, da população mundial em uma economia na qual profissionais trabalhadores são cruciais para a produção de riqueza – e o capitalismo, no qual esse processo, para usar a frase de Veblen, é “sabotado” por sua subordinação à rentabilidade.

Se o bloco histórico financeiro global da hegemonia dos EUA se tornar anátema para o setor mais altamente qualificado dos “99%”, a alternativa russo-chinesa requereria suas habilidades e poderia se tornar relativamente autônoma de uma estrita ou puramente lógica do lucro capitalismo (embora não da lógica do conflito de poder e do estatismo, que pode ser igualmente alienante para essa classe e seus aliados da classe trabalhadora). Mas sua dependência dos combustíveis fósseis, dos rendimentos deles derivados, e do uso desses como uma importante fonte de poder, pode igualmente levar à desilusão por parte de uma classe capaz de imaginar, construir, descobrir e prover alternativas ao uso dessas, e para quem a proteção e o reparo da ecologia global está, sem dúvidas, emergindo como uma prioridade e um teste decisivo politicamente. O próprio uso da Rússia de gás e petróleo para ganhar influência e a procura da China pelo mesmo através de relações bilaterais com a África e o Oriente Médio pode não parecer moralmente superior, ao fim, à tentativa dos EUA de monopolizar esses mesmos recursos e de sua disposição de ir à guerra por tal controle. De fato, este aspecto dos governos populistas de esquerda da América Latina – a despeito da popularidade de seus programas de redistribuição e bem-estar – levou à protestos de massa e conflitos não com a direita ou a burguesia pró-EUA, mas com a própria base desses governos na Venezuela, Equador e Bolívia. A “exportação de monopólio” das agora bastante grandes corporações na China e os capitalistas estatais de petróleo e gás da Rússia provavelmente não serão dramaticamente mais agradáveis para uma classe de profissionais que procuram trabalhar para usar a ciência e o conhecimento a fim de fazer o mundo mais habitável e sustentável para todos em relação aos banqueiros e os militaristas da hegemonia global financeira dos EUA. Ainda assim, alguns aspectos de seu projeto, como a ligação infraestrutural de áreas contíguas e o uso de recursos naturais para o desenvolvimento nacional e regional e não apenas para o lucro sem preocupação com onde esse se dará, podem ser mais próximos das prioridades de uma classe preocupada com como as coisas são feitas e em fazê-las bem ao invés de com dinheiro para seu próprio bem.

Em suma, nenhum projeto hegemônico pode funcionar sem a ativa participação de cientistas, engenheiros, médicos, doutores e funcionários treinados, técnicos, pesquisadores, técnicos de laboratório, professores, especialistas em direito internacional, designers de software, professores, programadores, físicos, químicos, biólogos e assim em diante. Não está claro

que a classe que incorpora em suas pessoas, suas habilidades e *know-how* precise subordinar ao futuro seu próprio trabalho e capacidade de transformar o mundo para qualquer um dos atualmente projetos hegemônicos competidores. Mas a história também demonstra que sem algum acesso ao poder político, nenhuma classe, por mais importante que seja, é capaz de sozinha afirmar hegemonia social (liderança de outras classes). Há algum sinal de circunstâncias políticas favoráveis a uma aliança de classes com um interesse em uma globalização não capitalista ou em uma transformação dos Estados nacionais e alianças que seja consistente com essas forças? A distorção da União Europeia em uma mera força para imposição da privatização e do poder das finanças através do uso da dívida pública parece ter impedido uma das mais poderosas dessas possibilidades, dada a relativa concentração de trabalhadores do conhecimento na Europa e na preocupação constante com qualidade por parte de uma grande fatia da população e da tradição cultural na Europa. O papel desses profissionais nos algoritmos matemáticos, *softwares* de computadores, uso de mídia social e outras técnicas em ambas as vitórias eleitorais do Presidente Obama, a despeito da traição da esperança de muitos dos apoiadores de Obama e ativistas nessas campanhas, sugere quão poderosa tal classe pode ser quando mobilizada. E, embora exagerado, o foco no uso de mídias sociais nas revoluções da Primavera Árabe e mesmo as altamente apoiadas (pelos EUA) “revoluções coloridas” nas antigas repúblicas soviéticas, protestos na Turquia e em outros lugares, parecem sugerir quão efetiva essa classe pode ser se mover-se de forma autônoma. A recente e decisiva rejeição do sexismo e racismo envolvido nas iniciativas “GamerGate” sugerem que a política está cada vez mais vindo à tona dentro dessa classe. A formulação dos “99%” pelo *Occupy* explicitamente amarrou a classe média profissional à classe trabalhadora, pequenas empresas (aquelas que são sujeitas às forças de mercado diferente de grandes corporações que internalizam mercados para usá-los na exploração de fornecedores menores), artesãos, estudantes (futuros trabalhadores profissionais), pequenos agricultores, e outros setores da sociedade.

Qualquer alternativa ao capitalismo, mais cedo ou mais tarde, terá de encontrar uma maneira de confrontar diretamente o capital móvel, esse poder que permitiu que várias, específicas classes capitalistas históricas manobrassem e dominassem todos menos os mais poderosos Estados e, em qualquer caso, impusessem seus interesses nesses como aliados em sucessivos ciclos históricos de acumulação e hegemonia. A ascensão das teorias de bancos e créditos públicos, do dinheiro como uma mera utilidade pública e da “moderna teoria da moeda” – que, interessantemente (sombras do movimento para frente e para trás de Arrighi), toma certas ideias de teorias estatais da

moeda do esforço abortado da Alemanha à hegemonia. Isso promete teorizar o sonho de Keynes de “capital como um bem livre”, de rendimentos básicos garantidos a todos, como o novo sufrágio universal. O que Andrew Ross chama de “economia mista” do público e dos bens comuns (estes últimos com base na auto-gestão) pode estar se desenvolvendo como uma incrivelmente coerente expressão de práticas reais ao redor do mundo por movimentos e autoridades procurando uma saída. Todos esses são sinais esperançosos. Uma sociedade na qual as forças previamente dominantes como o capital são tornadas utilidades públicas para financiar projetos úteis e produção utilizável para as necessidades humanas pode ser uma em que houvessem distinções de status baseadas nas contribuições individuais para o bem comum, mas não por desigualdades de classe. Quero dizer desigualdades de classe no sentido ou de diferenças hereditárias e herdadas e grandes distinções em termos de riqueza, status, privilégios e poder ou acesso a esses, ou no sentido de diferenças de poder de um grupo sobre outro estruturalmente. Isso significaria uma sociedade na qual os mercados serviriam como um bem comum maior, mas não seriam utilizados como instrumentos de controle social pelas classes exploradoras, e uma onde as instituições democráticas poderiam ser os lugares onde um diálogo coletivo sobre diferenças poderia ser mediado para alcançar resultados ou benefícios para a maioria ou todos. Tal sociedade e tal ordem internacional de sociedades desse tipo pode ser chamada, justificadamente, de “uma sociedade sem classes” ou poderia ser chamada pelo nome mais tradicional para um sistema político de cidadãos cujas diferenças não resultam em desigualdades estruturais e exploração – uma república. Como Immanuel Kant argumentou, a paz mundial requer uma comunidade mundial de repúblicas, de forma e de conteúdo republicano de governar, significando diálogo aberto e abertura a críticas por parte das autoridades, com as pessoas tomando prioridade, criando um virtuoso ciclo de aperfeiçoamento contínuo de um sistema político nunca totalmente perfeito.⁸⁷ E Maquiavel deixa claro que mais que uma república é necessária, porque repúblicas precisam de uma dinâmica de criticismo, de imitação, de diversificação e competição, para manter a virtude e o virtuoso ciclo de interação republicana entre pessoas e autoridade, e para manter uma situação internacional criativa.⁸⁸ E assim, uma comunidade mundial de repúblicas baseadas em um novo bloco histórico, no-

87 Sou grato ao Massimiliano Tomba, cujo trabalho vindouro eu traduzi de forma manuscrita para o inglês do original em italiano: Max Tomba, *Para Além dos Direitos Humanos: Relendo Kant sobre Justiça*, para esse entendimento de Kant como um republicano.

88 J. G. A. Pocock, *O Momento Maquiavélico: O Pensamento Político Florentino e a Tradição Republicana Atlântica*, Princeton: Princeton University Press, 1975, p.88; Veja também a brilhante discussão sobre Maquiavel e republicanism em Antonio Negri, *Insurgências: Poder Constituinte e o Estado Moderno* Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009

vas tecnologias e novas formas de organização, interagindo em um virtuoso ciclo com o mercado como instrumento para reforçar a igualdade e liberdade republicana e o bem-estar humano e não como mestres, e com a moeda feita uma utilidade pública subordinada à necessidade e criatividade humana, são as peças de um quebra-cabeça cuja perfeição assintótica progressiva, ainda que necessariamente incompleta, pode impedir a Terceira Guerra Mundial.

Mas se essas peças do quebra-cabeça, as forças em capo da nova massa de classes trabalhadoras no Sul Global⁸⁹, a luta comum contra a dívida e a expropriação, contra a guerra e a degradação do meio ambiente, e a classe média profissional que incorpora os mais altos níveis de conhecimento humano, podem construir juntas uma alternativa ao capitalismo e um bloco hegemônico livre de dominação permanece a ser descoberto. O destino de tal projeto não pode ser previsto e, ainda que ele deva encontrar algum acesso ao poder político e construir um bloco histórico, a resposta a essas perguntas, e de qualquer futura ordem republicana pós-capitalista, permanece, como Giovanni Arrighi e Beverly Silver escreveram, “fundamentalmente nas mãos desses movimentos”.

REFERÊNCIAS

- Abu-Lughod, Janet. 1989. *Before European Hegemony: The World Economy*. Oxford and New York: Oxford Univ. Press.
- Arrighi, Giovanni, and Beverly Silver. 1999. *Chaos and Governance in the World System*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Arrighi, Giovanni. 1994. *The Long Twentieth Century: Money, Power, and the Origins of Our Times*. New York and London: Verso.
- Arrighi, Giovanni. 2007. *Adam Smith in Beijing: Lineages of the Twenty-first Century*. London/New York: Verso.
- Bendix, Reinhard. 1974. *Work and Authority in Industry*. Berkeley: University of California Press.
- Campbell, Horace. 2008. “China in Africa: Challenging US Hegemony”. *Third World Quarterly* 29 (1): 89-105.
- Chossudovsky, Michel. 2003. *The Globalization of Poverty and the New World Order* 2nd. Quebec: Global Research.
- Cleaver, Harry. 1980. *Reading Capital Politically*. Austin: University of Texas

89 Beverly Silver, *Forças do Trabalho* foi o trabalho pioneiro que demonstrou que a globalização não havia resultado em um declínio líquido nem no tamanho nem no poder da classe trabalhadora como tal.

Press.

- Colatrella, Steven. 2001. *Workers of the World: African and Asian Migrants in Italy in the 1990s*. Trenton and Asmara: Africa World Press.
- Colatrella, Steven. 2011. "Global Governance and Revolution in the 21st Century: Strikes, Austerity and Political Crisis". *New Politics* 13 (3).
- Colatrella, Steven. 2011. "In our Hands is Placed a Power: Austerity, Worldwide Strike Wave and the Crisis of Global Governance" *Socialism and Democracy* 25 (3): 82-106.
- Dyson, Kenneth, and Kevin Featherstone. 1999. *The Road to Maastricht: Negotiating Economic and Monetary Union*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- Engdahl, William. 2004. *A Century of War: Anglo-American Oil Politics and the New World Order*. London: Pluto Press.
- French, Howard W. 2014. *China's Second Continent*. New York: Knopf.
- George Friedman, George. 2010. *The Next Hundred Years*. New York: Anchor.
- Goldman, Marshall. 2003. *The Piratization of Russia: Russian Reform Goes Awry*. London and New York: Routledge.
- Haas, Ernst. 1968. *The Uniting of Europe: Political, Social and Economic Forces 1950-57*. Stanford: Stanford Univ. Press.
- Howard W. French. 2014. *China's Second Continent: How a Million Migrants are Building a New Empire in Africa*. New York and Toronto: Alfred Knopf.
- Keohane, Robert. 2005. *After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy*. Princeton: Princeton University Press.
- Krahmann, Elke. 2005. "American Hegemony or Global Governance? Competing Visions of International Security". *International Studies Review* 7 (4): 531-545.
- Marx, Karl, and Frederick Engels. 2004. *Communist Manifesto*. London: The Collector's Library of Essential Thinkers.
- Marx, Karl. 2000. *Pre-Capitalist Economic Formations*. New York: International Publishers, 2000.
- McDermott, John. 1980. *The Crisis in the Working Class and Arguments for a New Labor Movement*. Boston: South End Press.
- McDermott, John. 1991. *Corporate Society: Class, Property, and Contemporary Capitalism*. Boulder San Francisco Oxford: Westview Press.
- McDermott, John. 2008. "A Mass Constituency for Globalization". *Rethinking Marxism* 20 (1): 151-159.

- Negri, Antonio. 2009. *Insurgencies: Constituent Power and the Modern State*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Negri, Toni, and Michael Hardt. 1999. *Empire*. Cambridge: Harvard.
- Ostrom, Elinor. 1990. *Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action*. Cambridge and New York: Cambridge University Press.
- Perrow, Charles. 2002. *Organizing America* Princeton: Princeton University Press.
- Phillips, Kevin. 2006. *American Theocracy: The Peril and Politics of Radical Religion, Oil and Borrowed Money in the 21st Century*. New York: Viking.
- Pirenne, Henri. "The Stages in the Social History of Capitalism". *American Historical Review* 19 (3): 494-515.
- Pocock, J.G.A. 1975. *The Machiavellian Moment: Florentine Political Thought and the Atlantic Republican Tradition*, Princeton: Princeton University Press.
- Polanyi, Karl. 1957. *The Great Transformation*. Boston: Beacon Press.
- Ross, Andrew. 2013. *Creditocracy and the Case for Debt Refusal*. New York: OR Books.
- Schumpeter, Joseph. 1955. *Imperialism, Social Classes: Two Essays by Joseph Schumpeter*. New York: Meridian Books.
- Silver, Beverly. 2003. *Forces of Labor: Workers' Movements and Globalization Since 1870*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sinclair, Timothy. 2005. *The New Masters of Capital: American Bond Rating Agencies and the New Politics of Creditworthiness*. Ithaca: Cornell University Press.
- Stavrianos, L.R. 1981. *Global Rift: The Third World Comes of Age*. New York: William Morris.
- Strange, Susan. 1987. "Persistent Myth of Lost Hegemony". *International Organization* 41 (4): 551-557.
- Tilly, Charles. 1992. *Coercion, Capital, and European States*. Oxford: Blackwell.
- Tomba, Max. 2013. "Marx as the Historical Materialist. Re-reading The Eighteenth Brumaire". *Historical Materialism* 21 (2): 21-46.
- Veblen, Thorstein. 1923. *Absentee Ownership*. New York: Viking Press.
- Weber, Max. 1981. *General Economic History*. New Jersey: Transaction Books.

RESUMO

O presente artigo procura investigar algumas das razões por trás dos eventos que levaram a uma recente guinada nas relações internacionais em direção à geopolítica global e uma renovada competição entre as grandes potências. Busca-se apontar ideias de importantes autores e colocá-las para dialogar. Atenta-se para a possibilidade de um bloco político e econômico alternativo estar sendo construído ao redor da China frente a um declínio do poder estadunidense. Aprofunda-se tais pontos ao identificar outras características fundamentais do sistema atual que envolve a discussão de classes. A atual configuração das alianças de classe e Estados envolve a complexa dinâmica das classes trabalhadoras no Sul Global, o uso da dívida externa como forma de dominação pelo centro econômico e financeiro mundial, além da nova classe média profissional – que preza por conhecimento, tecnologia e democracia. São essas relações e sua interface com o poder político existente que permeiam o reavivamento da geopolítica global, influenciando não apenas os eventos atuais, mas também qualquer possibilidade de se pensar uma alternativa de governança e estrutura internacional – ou mesmo a falha disso e um consequente e possível novo conflito em escala mundial.

PALAVRAS-CHAVE

Terceira Guerra Mundial; Classe; Geopolítica; Hegemonia.

*Recebido em 8 de abril de 2015.
Aprovado em 25 de julho de 2015.*

*Traduzido por Ana Paula Calich
e William Moraes Roberto*